

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**A COMUNIDADE CHINESA EM PORTUGAL:
FACTORES DE RISCO, FACTORES PROTECTORES
E REDE SOCIAL**

中国侨民在葡萄牙

Tânia Rita Silva dos Santos

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2011

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**A COMUNIDADE CHINESA EM PORTUGAL:
FACTORES DE RISCO, FACTORES PROTECTORES
E REDE SOCIAL**

中国侨民在葡萄牙

Tânia Rita Silva dos Santos

Dissertação orientada pelo Professor Doutor Wolfgang Rüdiger Lind

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2011

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Wolfgang Lind, pela orientação e apoio incondicional ao longo destes meses de trabalho intenso. Nas muitas supervisões ao vivo ou via *skype*, o seu entusiasmo por esta temática, e todas as sugestões e indicações dadas, foram essenciais para esta produção escrita. Agradeço-lhe a disponibilidade e as palavras de incentivo e de confiança, que tão bem soube dar nos momentos de maior dúvida, e todas as propostas de organização metódica que em muito facilitaram.

Ein herzliches Dankeschön.

Ao Professor Lu, à Professora Wang e à Professora Cui Cui, que, através dos seus ensinamentos, em muito continuam a contribuir para o fortalecimento da paixão que nutro pela China. Agradeço toda a disponibilidade e ajuda prestada sempre que era assaltada com dúvidas “chinesas”.

À Joana, ao Brian, ao Kam e ao Rui, pelas muitas tardes chuvosas que passámos a saltitar de loja em loja ou a “raptar” alunos chineses para as entrevistas. Sem a ajuda e empenho de cada um de vós, muito dificilmente este projecto se tornaria realidade.

A todas as pessoas que conheci em Porto Alegre e que contribuíram para o meu crescimento académico e pessoal. Aos meus colegas da *Housing*, aos meus colegas na UFRGS no Cep-RUA, por toda a amizade e preocupação constante do estado de saúde deste trabalho. Em especial à Su, pelas nossas intermináveis conversas e por fazer-me acreditar de que seria capaz.

A todos os meus amigos que, de perto ou de longe, assistiram a um ano que se revelou tão importante na minha vida. À Filipa, pela viagem catártica de Agosto e pelos *mails* e telefonemas de desabafos; à Rita e à Inês pelas constantes palavras de apoio, e pelas poucas, mas boas, idas para a biblioteca; ao Fernando, pelo estatuto de revisor oficial; e a todos os restantes amigos e colegas da faculdade que fizeram parte destes meses loucos de escrita, um muito obrigado, por, directa ou indirectamente, contribuírem para o meu bem-estar.

À minha Mãe, por compreender estes meses atarefados e por todo o apoio que proporcionou. Obrigada por escutares todas as minhas confusões e dúvidas e por teres dado força nos momentos em que já me sentia esgotada. Obrigada pelo café do “jeitinho” que gosto nas muitas noites de estudo e por teres acreditado nas minhas capacidades durante todo este percurso.

Ao meu Pai, pelas palavras de conforto e de incentivo e pela disponibilidade em ajudar-me sempre que fosse necessário. Obrigada por tudo.

A toda a minha família e em especial à minha tia Dina, que para além de apoio, em muito ajudou na mobilização de participantes para este estudo.

A todos imigrantes chineses que neste estudo partilharam comigo as suas vivências e opiniões, um muito obrigada pela abertura e entusiasmo e pela possibilidade em tornar este trabalho uma realidade. 谢谢!

RESUMO

Este estudo tem como objectivo averiguar os factores de risco, os factores protectores e a rede social dos imigrantes chineses em Portugal. Para este estudo exploratório realizaram-se entrevistas semi-estruturadas e aplicou-se o mapa de rede social a uma amostra de 20 imigrantes com uma média de tempo de permanência em Portugal de 7,55 anos (DP= 7,77). A partir das categorias e dos indicadores que surgiram da análise de conteúdo, procedeu-se à análise de *cluster* em 4 classes. Os factores de risco que se salientaram foram a língua portuguesa, o afastamento da família e amigos e diferenças culturais. Os factores protectores mais referidos foram a ajuda da família/integração na comunidade chinesa, o clima de Portugal e a simpatia dos portugueses. Relativamente à rede social, esta mostrou-se constituída maioritariamente por sujeitos chineses.

À luz das normas culturais chinesas e dos resultados obtidos, analisar-se-á o processo de adaptação destes imigrantes em Portugal. Implicações para a prática comunitária e terapêutica serão também discutidas.

Palavras-Chave: *Imigrantes chineses, factores de risco, factores protectores, rede social*

ABSTRACT

This study aims to explore risk factors, protective factors and the social network of Chinese immigrants in Portugal. For this exploratory study, semi-structured interviews were conducted and the social network map applied to a sample of 20 Chinese immigrants with an average of 7.55 years living in Portugal (DP=7.77). From the categories and indicators that arose from the content analysis, a cluster analysis was conducted organized by 4 clusters. The most preeminent risk factors were Portuguese language, separation from friends/family and cultural differences; the most relevant protective factors were help from family/integration within the Chinese community, Portugal's climate and the kindness of Portuguese people. Regarding the social network, it showed to be mainly constituted by other Chinese individuals.

By the Chinese cultural norms and the study's results, the adaptation of Chinese immigrants to Portugal will be analysed. Implications for the therapeutic and community intervention will also be discussed.

Keywords: *Chinese Immigration, Risk Factors, Protective Factors, Social Network*

Índice

Introdução	3
1. Enquadramento Teórico	4
1.1 Processos Migratórios	4
1.1.2 Imigração e Bem-Estar Psicológico	7
1.2 Imigração Chinesa no Mundo	9
1.2.1 Dificuldades e Necessidades dos Imigrantes Chineses	10
1.2.1 Estratégias de Resolução: Perspectivas de uma Sociedade Colectivista.....	11
1.2.2 Tendências de Procura de Apoio Psicológico em Imigrantes Chineses.....	13
1.3 Migração Chinesa em Portugal	15
2. Metodologia.....	17
2.1.Justificação para o Estudo Presente.....	17
2.1.1 Objectivos do Estudo e Questão de Investigação.....	17
2.1.2 A Abordagem Qualitativa na Presente Investigação.....	18
2.2 Metodologia da Entrevista Semi-estruturada	19
2.2.1 O Guião de Entrevista.....	20
2.2.1 Mapa de Rede Social	21
2.2.3 Recolha de Dados	22
2.3 Análise de Conteúdo.....	24
2.3.1 Pré-análise	24
2.3.2 Redução dos Resultados	24
2.3.2.1 Categorização	24
2.3.2.2 Codificação de Indicadores e suas Frequências	26
2.4 Caracterização da Amostra.....	27
3. Apresentação de Resultados	29
4. Discussão dos Resultados.....	33
4.1 Limites e Críticas ao Presente Estudo	40
4.2. Implicações dos Resultados Obtidos	41
4.2.1Terapêuticas.....	41
4.2.2 Intervenção Comunitária	42
4.3. Sugestões para Estudos Futuros	43
5. Conclusões.....	45
Referências Bibliográficas.....	47
Anexos	
Apêndices	

Índice de Gráficos

Gráfico 1. Local Nascimento	28
Gráfico 2. Escolaridade	28
Gráfico 3. Profissão	29
Gráfico 4. Local de Trabalho	29
Gráfico 5. Distância entre os 4 <i>Cluster</i>	30

Índice de Tabelas

Tabela 1. Categorização: indicadores e frequências	26
Tabela 2. Análise de <i>Cluster</i>	30
Tabela 3. Média e DP da Rede Social Total de Chineses e Portugueses	31
Tabela 4. Média e DP Quadrantes Chineses com Portugueses	31
Tabela 5. Média e DP Quadrantes Portugueses	32
Tabela 6. Média e DP Nível de Intimidade.....	32

Anexo

Anexo I - Mapa Rede Social Sluzki (1996) (adaptado)

Apêndices

Apêndice I - Guião de entrevista semi-estruturada

Apêndice II - Questionário sócio-demográfico português/chinês

Apêndice III - Tabela das Frequências dos Indicadores Temáticos convertidos em notas Z

Apêndice IV - Tabela de Correlações de Spearman das várias características do Mapa

Rede Social com os dados demográficos Anos Permanência em Portugal e Idade

Introdução

Comerciantes chineses a jogar *mahjong* ou às cartas, comendo *miantiao* com os seus rádios gritando músicas populares chinesas. Supermercados com produtos tipicamente chineses, e ao lado, uma secção de anúncios onde só se decifram algarismos árabes no meio de caracteres rabiscados. Ouve-se mandarim por toda a parte. Estamos no Martim Moniz em Lisboa e esta é a comunidade chinesa em Portugal, da qual pouco sabemos. Tem-se assistido a um aumento da imigração chinesa em Portugal, e as suas formas de negócio, como as lojas e os restaurantes chineses, já fazem parte da vida quotidiana da população portuguesa. A forte presença desta comunidade obriga a uma reflexão acerca do seu processo de adaptação a Portugal. Por não terem sido encontrados estudos em Psicologia Intercultural que se focassem especificamente nesta população em contexto português, este estudo tenta colmatar o que se acredita ser uma necessidade para a compreensão do fenómeno migratório chinês e, espera-se, que sirva como incentivo para a produção de mais estudos na área.

Este é um estudo exploratório com o objectivo de compreender quais os factores de risco, os factores protectores, e as características da rede social da nossa amostra chinesa. A partir destes dados espera-se que seja possível uma análise da adaptação dos chineses a Portugal e reflectir acerca de como se pode incentivar e promover uma integração positiva.

A dissertação estrutura-se em quatro partes principais. A primeira parte remete para o enquadramento teórico onde é apresentada uma breve revisão de literatura acerca do processo migratório em si e de conceitos do processo migratório especificamente chinês. Expor-se-á o que outros estudos consideram como dificuldades, as formas de resolução e de que forma as especificidades culturais da comunidade chinesa influenciam esta visão. A segunda parte diz respeito à metodologia. Nesta secção, serão expostas e justificadas as opções metodológicas utilizadas neste estudo: as questões de investigação serão explicitadas, a amostra será apresentada, os instrumentos utilizados serão explicados e o processo de recolha de dados será descrito. A terceira parte deste estudo debruça-se sobre as análises realizadas e os resultados obtidos. Por último, a parte de discussão e conclusões contará com uma análise e reflexão dos resultados em articulação com outras evidências já estudadas. Nesta parte serão ainda abordadas as limitações deste estudo e as implicações práticas de cariz terapêutico e de intervenção comunitária, bem como, sugestões para futuros estudos.

1. Enquadramento Teórico

1.1 Processos Migratórios

A imigração, o fenómeno que pressupõe o deslocamento de indivíduos entre países e o seu estabelecimento num novo contexto cultural, é um assunto de relevância prática e teórica (Dovidio & Esses, 2001). A mudança de pessoas para países e culturas distintas das suas pode ser potenciada por várias razões: novas oportunidades oferecidas pelo mercado global; desigualdade social abrupta no país de origem; informação e transporte de mais fácil acesso; a rápida degradação ambiental/regiões de risco; conflitos políticos e diplomáticos; ou a procura de mão-de-obra pelos países de acolhimento, que pelas suas características demográficas enfrentam problemas de envelhecimento (Neves & Rocha-Trindade, 2008). A nível mundial, os fluxos migratórios atingiram níveis nunca antes registados na história da humanidade (Nações Unidas, 1998 cit. por Dovidio & Esses, 2001).

Este fenómeno constitui um desafio para os teóricos de várias áreas das ciências humanas e sociais. O estudo das migrações requer um entendimento da complexidade, diversidade cultural e das relações políticas, sociais e económicas que estas envolvem. A migração é uma área de estudo que exige uma visão holística e pressupõe as contribuições da antropologia, demografia, economia, ciências políticas e sociologia e, por isso considera-se que os teóricos da imigração deverão inclinar-se para uma “área interdisciplinar ou sub-área da imigração” (Rumbart et. al, 1999 cit. por Dovidio & Esses, 2001). A Psicologia em particular, tem contribuído para o estudo da imigração em duas áreas: a) o estudo da aculturação e bem-estar e b) o estudo das relações intergrupais. O primeiro, sobre o qual nos debruçaremos mais adiante, possui maior relevância para o presente estudo e representa o tema central da Psicologia Intercultural (Berry, 1990b; Liebkind, 2000; Ward, 1996 cit. por Berry, 2001). O segundo, nasceu da Sociologia e possui agora uma posição de destaque na Psicologia Social (Brewer & Brown, 1998; Brown & Gaertner, 2001 cit. por Berry, 2001).

1.1.1 Aculturação, Estratégias de Aculturação e Stress de Aculturação

A *aculturação* é um conceito originário da antropologia, que descreve as mudanças culturais e de adaptação de um grupo étnico quando inserido num contexto cultural diferente do seu (Gibson, 2001). Contudo, é importante distinguir *aculturação*

de *aculturação psicológica*. Esta última tem um âmbito mais estrito, resumindo-se às consequências psicológicas individuais, resultante da experiência pessoal à aculturação (Graves, 1967). Esta distinção é importante por duas razões em particular (Neto, 2003): a) os fenómenos ocorrem a níveis diferentes e, por isso, resultam em mudanças de natureza distinta. Se, por um lado, a aculturação reflectir-se-á em mudanças na estrutura social, política e económica dos grupos, por outro, a aculturação psicológica terá repercussões a nível do comportamento, identidade e valores do indivíduo; b) ressalta a importância de termos em consideração que os indivíduos constituintes do grupo não participarão nas mudanças colectivas do mesmo modo e com a mesma intensidade.

As consequências psicológicas a longo prazo do processo de aculturação são variadas, dependendo das variáveis sociais e pessoais da sociedade de origem, da sociedade de acolhimento, e de toda a complexidade de que o processo de aculturação se reveste (Berry, 1997). No início dos estudos de aculturação pensava-se que o grupo étnico minoritário seria totalmente submerso no grupo de cultura predominante, ou seja, a assimilação seria o resultado final de um único processo considerado. Contudo, existem outros tipos de estratégias de aculturação (Berry, 1970a; Sommerland & Berry, 1970 cit. por Berry et al. 2002). Estas estratégias são o resultado da interacção entre duas variáveis: a) o grau de manutenção da herança, cultura e identidade do grupo minoritário e, b) o grau de relacionamento entre os grupos minoritários e o grupo predominante. Assim, as estratégias de aculturação podem ser divididas entre: *integração*, *assimilação*, *segregação* e *marginalização*. A integração acontece quando o grupo minoritário deseja manter as suas tradições e a sua identidade cultural mas, ao mesmo tempo, mantém uma relação positiva com a cultura predominante, envolvendo-se nas actividades e tradições tanto da sua cultura de origem como da cultura do país de acolhimento. Já a assimilação passa pelo abandono da própria identidade cultural, e pela completa imersão na cultura do país de acolhimento. A segregação, por seu turno, dá-se quando o grupo minoritário mantém fortemente a sua cultura de origem, tendo pouco envolvimento com o país de acolhimento. Por fim, a marginalização caracteriza-se por baixos índices tanto de manutenção cultural bem como de envolvimento com a cultura do país de acolhimento.

A estratégia de integração (a mais desejável e adaptativa a longo prazo) é mais facilmente alcançada em sociedades multiculturais, onde os níveis de preconceito e discriminação são relativamente baixos e onde existem atitudes mais positivas entre os grupos étnicos (Kalin & Berry, 1995 cit. por Berry 2001).

Nos primeiros estudos relativos à imigração, o contacto cultural inicial era descrito como doloroso, devido ao rol de dificuldades que o indivíduo enfrentava (Neto, 2003). As diferenças de clima, idioma e alimentação, bem como as diferenças de índole social, política e religiosa eram referidas como “choque cultural”. Estas dificuldades e desafios, fruto da relação intercultural entre os grupos, são actualmente descritos pela literatura como *stress de aculturação* (Berry, 2001). Considera-se este termo mais adequado do que choque cultural pela referência ao *stress*, o que nos reporta à teoria clássica do *stress* de Lazarus & Folkman (1984) pois encara estas situações como stressores passíveis de serem resolvidos através das estratégias e recursos adequados. Como já vimos, a *aculturação* é entendida como o processo dinâmico entre grupos de perspectivas culturais distintas. Tais diferenças de perspectivas criam situações desafiantes na vida do imigrante (Berry, 2001). A integração numa nova sociedade é, assim, um processo multidimensional que está relacionado com o *coping* e com diversos stressores, em vários aspectos da nova vida do imigrante (Shuval, 1993 cit. por Yakhnich, 2008).

Yakhnich (2008), a partir de estudos realizados, esquematiza os vários stressores relativos à vida do imigrante da seguinte forma: a) stressores normativos/culturais: aqueles que resultam das diferenças culturais entre a sociedade de origem do imigrante e a sociedade que o acolhe, sendo a dificuldade na aprendizagem da nova língua a mais predominante; b) stressores instrumentais: os que se relacionam com a qualidade de vida material do imigrante, como por exemplo, as dificuldades na busca de habitação e a falta de reconhecimento de valências profissionais; c) stressores sociais: com origem na relação do imigrante com o seu ambiente social, como seja a intolerância da sociedade que o acolhe e fenómenos como a discriminação e isolamento social; d) stressores familiares: as mudanças decorrentes no seio familiar pelo processo de migração e, por último, e) stressores emocionais: os que provêm da incerteza quanto ao futuro num novo país, da ansiedade por deixar para trás toda a sua antiga vida, e do sentimento de não pertença no país de acolhimento.

A classificação elaborada por Yakhnich (2008), referida no parágrafo anterior, fornece-nos uma estrutura de base para a averiguação das áreas de dificuldade do imigrante. No entanto, teremos que apostar também, na descoberta de recursos e estratégias utilizadas por parte da população imigrante. Estudos demonstram que apesar da natureza multi-stressora do fenómeno, em geral, os imigrantes possuem suficientes recursos para uma boa integração na sociedade de acolhimento. Muitos deles adquirem

empregos, sentem-se bem consigo próprios e referem a imigração como uma experiência positiva (Berry, 2001).

1.1.2 Imigração e Bem-Estar Psicológico

Para a compreensão do impacto da imigração na adaptação e bem-estar psicológico do indivíduo, para além de um olhar atento sobre os diversos tipos de stressores, é necessário analisar os mecanismos psicológicos que lhes dão resposta e também os recursos do imigrante e a forma como este os utiliza (Tseng, 2001 cit. por Bhugra, 2004). Os recursos disponíveis e as estratégias de *coping* podem atenuar os efeitos prejudiciais das situações stressoras do processo de imigração. As dificuldades e desafios sentidos podem apenas revelar-se em possíveis queixas somáticas. Somente quando as mudanças culturais são demasiadas e muito rápidas, ou quando se trata de uma elevada combinação dos vários stressores mencionados, possamos falar, talvez, de doença mental ou de psicopatologia, o que pode levar a eventuais distúrbios mentais, como depressão ou ansiedade incapacitante (Berry & Kim, 1988; Jayasuriya et al., 1992 cit. por Berry, 1997).

A adaptação é o resultado do *coping* bem sucedido das várias dificuldades. Para uma boa resolução destas situações é preciso responder-lhes utilizando a estratégia que a experiência do imigrante considera como eficaz, e que, ao mesmo tempo, seja também eficaz no novo contexto cultural. Muitas vezes a estratégia que o imigrante considera adequada não é apropriada aos novos padrões culturais. Por isso se afirma que as estratégias de *coping* do imigrante estão intimamente relacionadas com a sua estratégia de aculturação, ou seja, uma maior relação com a cultura dominante, resulta em maior conhecimento de estratégias de *coping* culturalmente eficazes e, consequentemente, uma melhor forma de resolução e adaptação (Kosic, 2004).

A rede social, definida como “a soma das relações que o indivíduo considera como relevantes, ou que contribuem para o sentido de identidade, bem-estar, competência e práticas de saúde e adaptação durante a crise” (Sluzki, 1992. pág. 360), é um importante factor de protecção na vida do imigrante que vale a pena ser aqui discutido. A mudança de país obriga a que a rede social do imigrante sofra grandes mudanças e, apesar do esforço para a manutenção de relações de relevância com as pessoas do país de origem, o afastamento geográfico obriga a que, muitas vezes as

funções e a estrutura destas relações sejam alteradas (Sluzki, 1992). A existência de uma rede social que forneça um apoio eficaz tem uma relação bastante forte com o bem-estar e saúde mental. Por isso, para as comunidades imigrantes que estão sujeitas a maiores vulnerabilidades, a existência de tais redes oferece um importante recurso para uma adaptação bem-sucedida. Uma boa rede de apoio está normalmente associada a um alívio do *stress* de aculturação (Thomas & Choi, 2006).

A criação de gabinetes de apoio que sejam culturalmente sensíveis a estas questões é uma preocupação real para as sociedades multiculturais dos nossos dias. A nossa habilidade de criar intervenções terapêuticas, que tomem em consideração toda a complexidade que o fenómeno da migração exige, continua, contudo, a ser limitada (Hwang, Wood & Fujimoto, 2010). A aculturação psicológica, e os diferentes níveis de aculturação através das diferentes gerações de imigrantes, são objectos de estudo para a compreensão do bem-estar individual e dinâmica familiar dos imigrantes. Apesar de vários estudos demonstrarem uma relação íntima entre aculturação e adaptação psicológica - quanto mais uma pessoa se relaciona com a cultura predominante, melhor são as oportunidades de adaptação e bem-estar - novos estudos sugerem que os níveis de aculturação, por si só, não são nem tão vantajosos nem tão problemáticos, como os estudos anteriores indicavam (Hwang & Ting, 2008 cit. por Costigan & Koryzma, 2011). Por exemplo, Dihn, et al. (2009, cit. por Costigan & Koryzma, 2011) verificaram que o imigrante mais próximo da cultura americana, associa-se a uma menor religiosidade e a uma probabilidade maior de doença mental, enquanto um orgulho étnico mais forte, reflecte-se num maior apoio familiar e por isso numa menor probabilidade de surgirem problemas mentais. A aculturação está, por isso, associada a um aumento ou diminuição à exposição a factores de risco ou de protecção, que são considerados como variáveis mediadoras relativamente à adaptação e bem-estar (Costigan & Koryzma, 2011). Ainda assim, o estudo de Phinney et al. (2001) com adolescentes, mostra que, não é a preferência por uma cultura ou outra que ditará o bem-estar do indivíduo adolescente, mas sim a adopção de uma identidade bicultural e a tomada de atitudes mais integracionistas que predirá uma melhor adaptação psicológica. Outros estudos que confirmam esta tendência (Berry, 1997), criam uma base para o desenvolvimento de políticas que apoiam uma identidade bicultural e a criação de instituições multiculturais (Berry, 2000, cit. por Berry 2001).

1.2 Imigração Chinesa no Mundo

A comunidade chinesa imigrante possui uma forte presença em vários países dos diversos continentes e constitui uma das mais interessantes comunidades pela forte presença das suas características culturais. Ainda assim, é considerada como o grupo minoritário mais desconhecido em vários países europeus (Nieto, 2003).

A emigração chinesa para a América do Norte, Austrália e países europeus teve o seu início na segunda metade do séc. XIX e foi impulsionada pela industrialização e pela necessidade de mão-de-obra oriental em alturas de falta de recursos humanos (Benton & Pieke, 1998; Li, 1998; Pan, 1998 cit. por Li & Li, 2011). A partir de 1978, após a chamada “primavera de Beijing”, uma nova vaga de emigração fez-se sentir na China, o que resultou num crescimento das comunidades chinesas já existentes no estrangeiro, como também na exploração de novos destinos de emigração (como, por exemplo, países africanos). Nos anos 80 e 90 ocorreram mudanças no sistema migratório chinês para a Europa e assistiu-se a uma grande vaga de imigrantes provenientes de províncias como Zhejiang (já com uma história de migração para a Europa), Fuzhou, Fujian e Sanming (que tinham pouca ou nenhuma tradição migratória). Esta migração em massa, não só forneceu recursos humanos para as lojas e restaurantes já estabelecidos pelas comunidades chinesas, como levou a um desejo de expansão, o que contribuiu para a exploração de novos nichos económicos (Pieke, 2004).

O capital social refere-se às relações de confiança e reciprocidade das redes, associações e organizações que constituem, todas, recursos sociais do indivíduo, facilitando a acção colectiva para benefício mútuo (Woolcock, 1998). Esta noção de capital social mostra-se de elevada relevância para explicar o fenómeno migratório chinês. A imigração ocorre pelo ênfase que é dado às redes de relações: relações que incentivam, mantêm e apoiam o fenómeno migratório chinês (Ma, 2003). O forte vínculo dentro da comunidade faz com que existam províncias na China onde a emigração é mais comum, pela existência de redes de contactos no exterior e pelas experiências migratórias passadas. Por outro lado, já no país de acolhimento, o capital social mostra-se relevante para a chegada do imigrante e para a sua adaptação. Deste modo, assiste-se à criação de comunidades chinesas que vulgarmente se caracterizam como “fechadas”, e com pouca vontade de envolvimento na cultura do país de acolhimento (Nieto, 2006). A memória comum da diversidade de tradições e a riqueza cultural da sua terra natal, leva a que seja reforçada ainda mais a solidariedade étnica

dos imigrantes, e esta necessidade de manutenção cultural impulsiona a criação de organizações, grupos e/ou comunidades com intuito de promoverem o bem-estar e a adaptação da população imigrante chinesa (Li & Li, 2011).

Considera-se que a diáspora chinesa é uma extensão da população chinesa fora da China, pois não existe um sentimento de exílio ou afastamento. Ser “chinês” é uma condição que não precisa de país ou estado, mas que é sustentada pela comunidade em qualquer parte do globo (Chan, 1999).

1.2.1 Dificuldades e Necessidades dos Imigrantes Chineses

Como referido anteriormente, a comunidade chinesa é uma comunidade imigrante da qual se sabe pouco, e a maioria dos estudos encontrados concentram-se na comunidade asiático-americana, pelo grande número de imigrantes nos EUA. Estes estudos focam-se maioritariamente em populações em idade escolar ou universitária (Yeh & Inose, 2002; Thomas & Choi, 2006; Suinn 2010; Ruzek, Nguyen & Herzog 2011), embora tenham sido encontrados alguns estudos com imigrantes chineses adultos de primeira geração de migração (e.g. Ying, 1996). Os dados desses estudos revelam que os imigrantes chineses podem enfrentar vários desafios relativamente ao processo migratório. Descobrir estes desafios/dificuldades e compreender de que forma o país de acolhimento pode colmatar alguns dos problemas para ir ao encontro das necessidades desta comunidade imigrante, constitui uma importante estratégia para atingir uma sociedade cada vez mais multicultural e de respeito mútuo (Berry, 2001).

O estudo de Ying (1996) expõe algumas situações desafiadoras que a comunidade chinesa imigrante poderá enfrentar. A língua do país de acolhimento é apontada como o mais importante e imediato problema. O pouco conhecimento da língua dificulta a procura de emprego ou a criação de relações fora do seu grupo étnico. Devido à existência de grandes diferenças da língua do país de acolhimento relativamente à língua materna, não é fácil para um imigrante adulto aprender uma nova língua e tornar-se fluente.

Segundo Ying (1996), saudades de casa, a falta de produtos chineses, ausência de comemorações ou tradições chinesas também são apontadas como uma dificuldade sentida pelos imigrantes chineses que, contudo, é colmatada com a existência de *Chinatown*s (bairros quase exclusivamente habitados por imigrantes chineses) e bairros

urbanos essencialmente “chineses” em vários países, onde a imigração chinesa é popular e frequente, como por exemplo, EUA e Reino Unido.

Relativamente à procura de emprego, a experiência profissional anterior ou formação académica do imigrante chinês pode não ser reconhecida no país de acolhimento (seja por pouca proficiência da língua ou por não haver equivalência de diplomas), o que o obriga a optar por um local de trabalho ou por tarefas profissionais que podem não ir ao encontro da satisfação das suas necessidades. Esta situação também restringe a possibilidade de trabalhar em locais que não sejam de chefia chinesa.

Ainda segundo o mesmo autor (Ying, 1996), a ausência de apoio social pode levar a que o imigrante desenvolva sentimentos de solidão e perda. Isto é tanto mais grave se tomarmos em consideração que, para a comunidade chinesa, a criação de laços com outros membros da comunidade não só satisfaz a necessidade de afiliação, mas serve também de um importante apoio para guiar o indivíduo no novo ambiente cultural.

Especificamente com adolescentes asiáticos imigrados, veio a confirmar-se que problemas de comunicação são os mais comuns, seguidos de pouca familiaridade com costumes e valores da cultura do país de acolhimento, relações interpessoais na escola e preocupações académicas e/ou de carreira (Yeh & Inose, 2002).

A forma como estes imigrantes vivem os desafios e dificuldades inerentes à migração é, todavia, muito distinta da forma como um ocidental a vive. As características intrinsecamente colectivistas da cultura chinesa e a imigração baseada no capital social fazem com que a conceptualização e significações destas dificuldades, e as respectivas estratégias de *coping*, tenham como base e objectivo a manutenção da comunidade chinesa e das suas relações.

1.2.1 Estratégias de Resolução: Perspectivas de uma Sociedade Colectivista

O Confucionismo é vulgarmente caracterizado como uma filosofia ética e social com forte influência na estrutura social e comportamental dos chineses (Chen & Devenport, 2005). Esta filosofia inclui valores centrais como o respeito pela estrutura hierárquica e social, interdependência, relações interpessoais harmoniosas, obrigação mútua e lealdade. Estes valores traduzem-se num estado de homeostase psicossocial e numa existência pacífica com a família e outros seres humanos (Hsu, 1971, cit. por McGoldrick et al., 1991). A família constitui a instituição mais importante da sociedade,

e as suas interacções são determinadas pelas obrigações, deveres e hierarquia familiar. A comunidade chinesa está mais inclinada a enfatizar a harmonia e a coesão ou unidade do grupo (Leung, 1987, 1988 cit. por Hsu, Chen et al., 2008). O “self” do indivíduo chinês é definido através da rede de relações interpessoais, sendo que, a manutenção destas relações é mais importante do que atingir objectivos pessoais (Hsu, Chen et al., 2008). Ao contrário da sociedade ocidental, onde os valores individualistas de autonomia e competição são os que prevalecem, compreende-se que as comunidades chinesas inseridas num contexto de uma cultura mais individualista, potenciam interacções particularmente desafiantes entre os dois grupos.

Devido a estas características colectivistas da cultura chinesa, a vivência de eventos stressores e a sua resolução pela comunidade vai ser bastante distinta das culturas mais individualistas. Lazarus & Folkman (1984) sugerem que as estratégias de *coping* ou são centradas no problema ou centradas nas emoções. Riger (1993 cit. por Hsu, Chen et al., 2008) contesta esta perspectiva, muito ligada ao estereótipo masculino de controlo e independência, que não abrange a visão de sociedades colectivistas e carece de uma classificação relativamente às relações interpessoais, isto porque uma estratégia de *coping* centrada no problema, ou nas emoções, pode ser ou pró-social ou anti-social. Para a comunidade chinesa é importante que as estratégias utilizadas sejam pró-sociais, para assim manterem a harmonia interpessoal e garantir o seu bem-estar. O indivíduo pertencente a uma comunidade chinesa sente que mudar-se a si próprio é mais fácil que mudar os outros, por isso, mais facilmente põe de parte as suas opiniões e muda a sua atitude, para cooperar com as necessidades dos outros ou do ambiente. Assim, como um contexto de relações interpessoais harmoniosas podem garantir o bem-estar individual dos chineses, as estratégias pró-sociais são as mais adequadas e as mais utilizadas. A sua adaptação é feita através do fortalecimento das relações e satisfazendo, simultaneamente, as necessidades individuais e colectivas (Hsu, Chen et al., 2008).

Esta dependência e necessidade de relações harmoniosas em redor do indivíduo chinês, salienta a importância da rede social, especialmente em casos de imigração. A mudança de contexto geográfico e cultural força a ocorrência de mudanças na rede social. Para o indivíduo chinês, que vive para a comunidade e para as suas relações, o estudo da rede social e das suas mudanças são relevantes para o entendimento do seu bem-estar no novo contexto cultural. Como já referido anteriormente, esta rede influencia não só a experiência de imigração em si, mas a própria decisão para a imigração. A existência de familiares (sejam primos, irmãos, pais) e amigos em países

no estrangeiro potencia a escolha do país: o imigrante sabe que poderá contar com o apoio desta rede de contactos existente. Estudos com outras comunidades asiáticas (coreanas e indianas) nos EUA (Thomas & Choi, 2006) vêm demonstrar que a existência desta rede alivia os efeitos do *stress* de aculturação. O estudo de Ying (1996) mostra que as relações de relevância para o imigrante chinês são essencialmente feitas com outros imigrantes chineses. As razões para tal, terão que ser melhor averiguadas. Poderemos especular que a solidariedade étnica e a pouca proficiência na língua do país de acolhimento são possíveis razões para este fenómeno. No entanto, esta vasta rede essencialmente chinesa pode trazer: a) apoio instrumental para os primeiros tempos no país estrangeiro; b) satisfação de necessidade de afiliação e c) o fortalecer do sentimento de ligação à cultura chinesa.

Hwang (1977) mostra que os chineses recorrem tendencialmente a cinco estratégias de *coping*: 1) mobilização de recursos pessoais/interiores, 2) adopção de uma filosofia de conformismo, 3) evitamento do confronto, 4) procura de assistência ou apoio na comunidade chinesa 5) recurso a superstições ou poderes sobrenaturais. Estas cinco estratégias podem classificar-se pelo *locus* interno ou externo de *coping*. As primeiras três são referidas como possuindo um *locus* interno enquanto as duas últimas são classificadas como tendo um *locus* externo (Hsu, Chen et al., 2008). A eficácia que estas estratégias de *coping* podem ter num país estrangeiro parece ser um indicador importante para o bem-estar da população chinesa imigrante.

1.2.2 Tendências de Procura de Apoio Psicológico em Imigrantes Chineses

Numa situação de natureza potencialmente stressora como é o processo de imigração, é com relutância que as famílias de imigração chinesa procuram ajuda em serviços de saúde mental do país de acolhimento (Atkinson Lowe & Matthews, 1995 cit. por Yeh & Inose, 2002). As estratégias mais vulgarmente utilizadas para ultrapassar os desafios são a auto-ajuda ou a procura de recursos dentro da própria comunidade chinesa como amigos, entidades religiosas, médicos de medicina tradicional chinesa, entre outros (McGoldrick et al., 1991). Não faz parte das normas orientais discutir as emoções pessoais ou desvendar segredos familiares a estranhos e o estigma de doença mental na comunidade chinesa é muito forte (Hsu, Wan, et al., 2008). Por isso, com dificuldade iniciariam um processo terapêutico no sentido ocidental. Isto pode acontecer

por várias razões: o pedido de ajuda a instituições de saúde mental é considerado “vergonhoso” não só para o próprio mas para toda a família de etnia chinesa (McGoldrick et al., 1991); o conceito de serviços de apoio mental e a sua procura pode ser pouco familiar ou desconhecido (Sue & Sue, 1999 cit. por Yeh, Inose, 2002); ou poderá ainda acontecer que os imigrantes chineses encarem as suas dificuldades como irrelevantes e com pouca importância para requerer ajuda profissional (Akutsu & Chu, 2006; Eisenberg, Golberstein & Gollust, 2007 cit. por Ruzek, Nguyen & Herzog, 2011). Normalmente, famílias imigrantes com normas orientais mais enraizadas procuram, ajuda apenas para necessidades de cariz instrumental (e.g. procura de casa). Inclusivamente, queixas de natureza física, como por exemplo, acidentes de trabalho, são consideradas como normais, comuns e até esperadas. O estudo de Tsai (2009) mostra que há uma conformidade e aceitação de acidentes de trabalho e os imigrantes tendem a não confrontar os responsáveis.

Estudos realizados com alunos asiáticos-americanos do ensino superior nos EUA demonstram que estes preferem ter aulas sobre doença mental ou utilizar *websites* para aceder a informações acerca de doença mental numa tentativa de resolver os seus problemas. Tal constatação é congruente com a tendência dos indivíduos chineses de não se exporem, nem demonstrarem fraqueza emocional a terceiros, mantendo, assim, o seu papel como aluno ou investigador (Ruzek, Nguyen & Herzog, 2011). Outro estudo com estudantes asiático-americanos (Yeh & Inose, 2002) corrobora esta tendência do indivíduo chinês de guardar para si próprio os seus problemas e não entrar em confronto, mantendo o equilíbrio e harmonia interpessoal.

A população imigrante asiática adolescente com níveis de aculturação baixos é a que poderá encontrar sob maior *stress* de aculturação e poderá estar mais vulnerável e a necessitar de acompanhamento psicológico, mas, devido às suas características e valores culturais, raramente o procura. Assim, a aculturação pode ser um factor importante quando se examinam as tendências de auto-revelação e a procura de ajuda terapêutica entre asiáticos (Chen & Danish, 2010). Aqueles que exibem um menor à vontade para discutir assuntos de natureza pessoal, normalmente possuem baixos níveis de aculturação (Berry, 2003 cit. por Chen & Danish, 2010). Em congruência, vários estudos vêm demonstrar que um baixo nível de aculturação está relacionado com a menor tendência de procura de aconselhamento psicológico em estudantes universitários asiático-americanos (Zhang & Dixon, 2004; Kim & Omizo, 2010; Chen & Danish, 2010). Estudos demonstram que, de facto, o *stress* de aculturação é uma

explicação para o desenvolvimento sintomatológico (Huang, 2006 cit. por Suinn, 2010) pois um nível baixo de aculturação pode contribuir para isolamento social em adolescentes asiáticos-americanos (Suinn, 2010). Embora que Yakunina e Weigold (2011) mostrem que a relação entre aculturação e procura de apoio psicológico não é assim tão estreita, pois a aculturação não pressupõe necessariamente uma mudança de atitudes, mas, sim, uma mudança comportamental mais adequada ao país de acolhimento. Neste estudo, com uma população de estudantes asiáticos integrados em programas de intercâmbio, concluiu-se que os valores culturais mais tradicionais e as atitudes negativas face ao acompanhamento profissional é que possuem uma maior relação com a procura de ajuda.

Estudos com imigrantes chineses adultos, que relacionem potenciais variáveis com a tendência de procura de apoio psicológico, não foram encontrados. Por isso, não se sabe ao certo de que forma, e em que condições, o imigrante chinês recorre estratégias de cariz terapêutico.

1.3 Migração Chinesa em Portugal

À semelhança de outros países do sul da Europa, Portugal é um país com uma história de entrada de imigrantes bastante recente. A presença de comunidades imigrantes desde 1890 até 1970 era irrisória, oscilando entre os 0,3% e 0,8% de imigrantes na população portuguesa. A partir de 1970, assistiu-se a uma vaga migratória para Portugal que, até 1981, originou um crescimento de 338% das comunidades estrangeiras em Portugal, e de 78% entre 1991 e 2001 (Lajes, et al. 2006). A partir da década de 80 o fluxo de entradas de estrangeiros tendeu a diversificar as suas origens, registando-se um aumento significativo de asiáticos, predominantemente chineses, e sul-americanos, nomeadamente brasileiros (Lajes et. al, 2006).

Entre 1995 e 2007 registou-se um crescimento de 476% da comunidade chinesa em Portugal. O aumento dos fluxos migratórios provindos da China, resultou numa vaga de imigração “por necessidade” e, devido à existência de laços familiares com imigrantes chineses a viverem já no nosso país, a escolha de Portugal tornou-se óbvia. Outra razão para o aumento da comunidade chinesa em Portugal, foi a mudança para países do sul da Europa por parte de imigrantes chineses que se encontravam anteriormente em países do norte da Europa e que vendo a economia destes países

saturada, procuraram novos locais para estabelecer os seus negócios, considerando Portugal como um novo nicho económico (Neves & Rocha-Trindade, 2008). Em Portugal assistiu-se, assim, a um aumento de lojas chinesas e restaurantes chineses, que são negócios de preferência privilegiada por esta comunidade. Inicialmente esta população concentrava-se maioritariamente nas grandes cidades portuguesas (Lisboa, Porto, Faro) mas, nos últimos anos a comunidade dispersou-se para outros locais do país, não só em Portugal continental, (mesmo no interior) como também nas regiões autónomas da Madeira e dos Açores.

Como Portugal se tornou num país de imigração, tem agora a responsabilidade de promover o diálogo intercultural e a tolerância dentro duma população crescentemente multicultural. Várias são as iniciativas e organizações que promovem a integração (e.g. ACIDI, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural). Em particular na psicologia, o caminho para a criação de uma atitude multicultural e a preocupação com a formação de profissionais culturalmente sensíveis às especificidades que a imigração envolve, tem sido o objectivo de projectos como “Saúde na Diversidade” (Moleiro & Gonçalves, 2010). Este projecto “pretende explorar as práticas e experiências dos profissionais de saúde mental (em particular, dos psicólogos) ao nível do seu trabalho com clientes de grupos minoritários, identificando o que são as competências interculturais necessárias para trabalhar com populações minoritárias em Portugal” (Moleiro & Gonçalves, 2010, pág. 512) e pretende também averiguar as representações, significações e expectativas dos grupos minoritários face ao apoio que pretendem requerer.

Até à data, não foram encontrados estudos em psicologia que abranjam especificamente a comunidade chinesa em Portugal. Pode-se hipotetizar que a pouca proficiência da língua, por parte desta comunidade e a inexistência de equipas de investigação em Portugal que dominem fluentemente os dois idiomas (mandarim e português), tenha sido um obstáculo para a produção de mais investigação nesta área. O presente estudo tem como objectivo desbravar algum novo terreno acerca desta temática. Este estudo exploratório, pretende averiguar algumas significações que advêm da mudança ecológica desta comunidade chinesa, e de que forma esta é afectada por esta mudança, assim como, quais os recursos disponíveis no seio desta comunidade para fazer face à nova situação de imigração. Será dado enfoque aos factores de risco, que neste estudo são considerados todos os factores que não facilitam a sua adaptação e bem-estar, assim como aos factores protectores (ou factores de equilíbrio), entendidos

como benéficos para a qualidade de vida e bem-estar dos imigrantes chineses. A rede social, pela especial importância que a comunidade chinesa lhe atribui, também será explorada.

2. Metodologia

2.1. Justificação para o Estudo Presente

Durante o ano lectivo de 2009/2010, o SAFI (Serviço de Apoio Familiar e Individual na Faculdade de Psicologia) recebeu, em momentos diferentes, duas imigrantes chinesas com pedidos de ajuda muito semelhantes. As especificidades e desafios destes dois acompanhamentos terapêuticos, seguidos pelo Professor Wolfgang Lind, suscitaram algumas questões no seio da equipa de observação: Como se procede a adaptação dos imigrantes chineses a Portugal? Que situações podem levar imigrantes chineses a pedir ajuda? Será que podemos prevenir tais situações? A comunidade chinesa está continuamente a crescer em Portugal, e merece uma maior preocupação e cuidado por parte dos profissionais de ajuda e instituições de apoio de modo a responder de forma eficaz às suas especificidades e necessidades. Este estudo nasce do desejo de começar a explorar o que se acredita ser uma comunidade com características culturais fortes mas com um importante contributo para a riqueza multicultural em Portugal.

2.1.1 Objectivos do Estudo e Questão de Investigação

Para este estudo, decidiu-se abordar uma amostra da comunidade chinesa em Lisboa e averiguar vários aspectos da sua adaptação, dificuldades e as suas formas de resolução. Visto que a literatura mostra a importância do colectivo e das relações interpessoais para estes imigrantes, pareceu de igual forma relevante averiguar a rede social e as características da comunidade chinesa em Portugal.

Com esta investigação temos, por isso, os seguintes objectivos:

- a) Averiguar as dificuldades sentidas pela população imigrante chinesa durante a fase de adaptação a Portugal;
- b) Averiguar as necessidades específicas desta população
- c) Averiguar as estratégias usadas por parte desta população para fazer frente aos desafios sentidos no processo de adaptação;

d) Compreender o impacto da rede social, e as suas características.

Desta forma propomos a seguinte questão geral de investigação:

Quais serão os factores de risco, os factores protectores e as características da rede social da Comunidade Chinesa imigrante, no processo de adaptação a Portugal?

E as seguintes perguntas de investigação mais específicas:

1. Quais as dificuldades sentidas pela população imigrante chinesa na adaptação a Portugal?
2. Quais as necessidades específicas desta população?
3. Quais as estratégias usadas para fazer frente aos desafios sentidos relativos ao processo de adaptação?
4. Quais as características da rede social dos imigrantes chineses?
 - 4.1. A rede social é composta por mais portugueses ou chineses?
 - 4.2. Entre família, amigos, colegas e comunidade, qual é o grupo mais relevante para estes imigrantes?
 - 4.3. Qual o grau de intimidade mais comum dentro da rede social desta amostra?
 - 4.4. Há diferenças quanto ao nível de intimidade e quadrante relativamente aos chineses assinalados?
 - 4.5. Há diferenças quanto ao nível de intimidade e quadrante relativamente aos portugueses assinalados?

2.1.2 A Abordagem Qualitativa na Presente Investigação

Neste estudo, uma metodologia qualitativa pareceu-nos a mais adequada, mesmo com as suas limitações ao nível da representatividade e replicabilidade dos resultados. Uma metodologia qualitativa é indicada para estudos onde ainda pouco se sabe acerca da temática ou da população em causa (Lind, 2008), o que acontece no nosso caso. Utilizando esta metodologia, podemos também interrogar-nos sobre a descrição do processo de imigração, obtendo, assim, uma maior riqueza de informação (Bogdan & Biklen, 1992). Explorar significações e perspectivas são os conceitos chave desta

abordagem, que se tornam de extrema relevância no estudo em causa, onde há uma preocupação especial em compreender as perspectivas e as dinâmicas da população chinesa, que se encontra imersa num paradigma cultural bastante distinto do seu próprio.

O *Focus Group* é uma metodologia que possui características que a tornam especialmente adequada a estudos desta natureza. O fenómeno a estudar é discutido em grupo (normalmente de 5-10 pessoas) promovendo *insight* e sinergia que produz uma maior riqueza de dados (Krueger & Casey 2009). Contudo, devido às normas sociais chinesas (sensibilidade para hierarquia social, controlo de emoções em público, ênfase na harmonia do grupo e a preocupação de não perder a face) (Kwan, Chun and Chesla, 2011) optou-se por entrevistas semi-estruturadas individualizadas, para que os entrevistados se sentissem mais à vontade de falar sobre o seu processo de adaptação a Portugal, garantindo a confidencialidade da informação.

2.2 Metodologia da Entrevista Semi-estruturada

A entrevista é um importante método de recolha de informação em investigações qualitativas, favorecendo a riqueza das informações dadas. Esta metodologia enaltece uma relação interactiva entre o entrevistador e o entrevistado permitindo a criação de um vínculo que em muito contribui para a diversidade, riqueza e qualidade dos dados (Kvale & Brinkmann, 2009).

A entrevista semi-estruturada, especificamente, tem a vantagem de possuir uma estrutura que não é totalmente rígida garantindo alguma flexibilidade no questionamento por parte do investigador. As entrevistas partem de um guião com questões guia que permitem focalizar as temáticas a serem investigadas, mas a flexibilidade destas permitem que a sequência das questões possa ser alterada, ou que outras questões possam ser incluídas, se oportunas. O objectivo desta metodologia passa por perceber o mundo de significações do entrevistado, a partir das respostas dadas. O discurso será posteriormente analisado e serão retiradas ilações e possíveis conclusões.

Recomenda-se que as entrevistas sejam gravadas em formato áudio ou vídeo, embora pelas razões já apontadas de confidencialidade, para este estudo, tirar-se-ão apenas notas dos assuntos relevantes das entrevistas e será realizada posteriormente uma análise das informações obtidas.

2.2.1 O Guião de Entrevista

O guião da entrevista semi-estruturada foi construído de modo a que se adequasse aos objectivos propostos neste estudo. Por isso, as questões foram elaboradas de modo a que os factores de risco e factores protectores da comunidade chinesa em Portugal pudessem ser averiguados. O Guião Multicultural é uma possível ferramenta para terapeutas que pretendem fazer um acompanhamento sensível às especificidades culturais de clientes imigrantes ou refugiados (Lind, não publicado). Esta ferramenta tornou-se num importante auxílio e inspiração na criação deste guião de entrevista, por fornecer questões que abrangem a complexidade de percepções culturalmente diferentes.

Pela flexibilidade típica das entrevistas semi-estruturadas, outros temas que fossem relevantes ou dignos de ser mais profundamente explorados, foram também abordados durante as entrevistas.

Para a elaboração da estrutura do guião, inspirámo-nos em Krueger (1998), que sugere as seguintes secções para o guião:

- a) Abertura - Breve apresentação mútua e descrição dos objectivos deste estudo;
- b) Introdução ao tema - Perguntas mais gerais acerca do processo de imigração individual;
- c) Transição - Perguntas de ligação com o tema em estudo;
- d) Perguntas-chave - Perguntas intimamente ligadas ao tema e objectivos deste estudo, divididas em dois blocos referentes aos temas centrais: factores de risco e factores protectores;
- e) Conclusão – Considerações e reflexões finais.

Com o fim de verificar a adequação e legibilidade, realizou-se um pré-teste da primeira versão do guião semi-estruturado a 2 indivíduos de etnia chinesa que não foram incluídos na amostra deste estudo. Os resultados do pré-teste forneceram um *insight* importante acerca do que esperar no decorrer destas entrevistas. Inclusivamente, o segundo entrevistado do pré-teste referiu:

Os chineses não vão responder às suas perguntas... Eles são muito fechados. Como eu já viajei muito e já vivi em muitos lugares diferentes eu tenho uma visão diferente. Bem sei que muitos deles vivem em condições muito precárias, mas não o querem admitir.

Apesar da advertência e algum nervosismo em avançar com este projecto, persistiu-se na sua continuação.

A partir dos resultados deste pré-teste as questões foram analisadas pela sua pertinência e legibilidade plena, assim como pela qualidade das respostas obtidas, tal como sugere Lind (2008). Desta forma, foram reformuladas algumas questões, com o intuito de um melhor entendimento por parte dos entrevistados. A versão final do guião encontra-se no Apêndice I.

2.2.1 Mapa de Rede Social

O Mapa de Rede Social Sluzki (1996) é um importante instrumento para averiguar a rede social do inquerido. O foco que é dado pela comunidade chinesa às relações interpessoais, e a necessidade de relações harmoniosas que directamente influenciam o seu bem-estar, fizeram com que a aplicação deste instrumento pudesse revelar importantes indicadores acerca das tendências globais do estabelecimento de relações enquanto imigrantes em Portugal, e assim, poder compreender que tipo de rede social o imigrante chinês revela.

O mapa de rede social de é elaborado de acordo com três graus de intimidade e quatro grupos de pertença (quadrantes). Este mapa é composto por três sucessivas circunferências, desenhadas numa folha de papel. A circunferência mais interna será de relações mais íntimas; a circunferência seguinte de relações de grau de intimidade intermédio; e a circunferência externa, que inclui pessoas conhecidas e relações ocasionais. Os elementos que compõem a rede social organizam-se em quatro quadrantes (família, amigos, colegas de trabalho ou escola e relações comunitárias). Assim, o indivíduo terá que preencher o mapa, identificando os seus constituintes de acordo com a distância a que se encontram do centro (onde se situa o “eu”), ou seja, de acordo com o grau de intimidade, e, atendendo ao tipo de relação que mantêm com cada uma das pessoas (familiar, amizade, profissional ou comunitária). Os quadrantes foram indicados em português e chinês em simultâneo, para melhor entendimento do inquirido (ver Anexo I). Porém, achou-se relevante que fossem indicadas outras informações para além do grau de intimidade ou os quadrantes a que pertencia pela especificidade do contexto migratório. Pediu-se, então, que se assinalasse, em cores diferentes se se tratava de uma pessoa chinesa ou portuguesa e, se essa pessoa se encontrava em

Portugal ou na China. Assim, era dada uma caneta vermelha para representar os sujeitos de etnia chinesa e uma caneta verde para representar os sujeitos portugueses e caso se encontrassem em Portugal, teriam que identificá-los com uma circunferência preenchida, e caso se encontrassem na China, seriam representados por uma circunferência vazia.

2.2.3 Recolha de Dados

As entrevistas realizaram-se entre Novembro de 2010 e Janeiro de 2011. Os imigrantes eram abordados no seu local de trabalho ou em instalações onde decorriam aulas de português para chineses. Foram definidos critérios de inclusão para a amostra do nosso estudo:

- a) pertencer à primeira geração de imigrantes chineses;
- b) ter mais de 18 anos;
- c) estar em Portugal há mais de 6 meses
- d) ser um imigrante trabalhador

Estes critérios de inclusão foram definidos para que se pudesse aceder às perspectivas da imigração chinesa predominante em Portugal (o imigrante trabalhador) que, por ser de primeira geração, teria um discurso mais focado nas diferenças e desafios culturais no primeiro contacto a Portugal.

A aplicação durou cerca de 40 minutos e incluía o preenchimento de um questionário sócio-demográfico, em português, com a respectiva tradução para caracteres chineses simplificados (ver Apêndice II), a entrevista semi-estruturada (Apêndice I) e o preenchimento da grelha de Mapa de Rede Social de Sluzki (1996) (Anexo I). Relativamente ao questionário sócio-demográfico, mais precisamente ao pedido da idade, vale a pena salientar para futuras investigações com a imigração chinesa, que, na China, a partir do momento em que se nasce considera-se que já se tem 1 ano. Por isso, um chinês e um português que tenham nascido em 1988 terão, respectivamente, 24 e 23 anos em 2011. Devido a esta diferença, muitos dos participantes demoravam mais a responder precisamente para fazer “contas” sobre a sua idade em Portugal. Nestes casos, julgou-se mais fácil pedir a data de nascimento e não a idade.

A apresentação era sempre feita em mandarim pela investigadora principal, para estabelecer uma relação de confiança com o entrevistado. A entrevista era realizada em português e em mandarim (as questões eram formuladas nos dois idiomas) pela

investigadora, com auxílio de um estudante chinês fluente nas duas línguas que, muitas vezes funcionava como intérprete, caso não houvesse entendimento de ambas as partes. A presença deste elemento também se revelou de extrema importância para a criação de um laço de confiança e empatia com os entrevistados. De acordo com Kvale e Brinkmann (2009) há que ter muito cuidado ao escolher um intérprete-auxiliar para entrevistas com propósito de investigação qualitativa, por isso, aos 4 estudantes que auxiliaram ao longo das 20 entrevistas, eram dadas directrizes específicas acerca da forma de obter os dados e dos objectivos pretendidos.

Optou-se pela não gravação áudio das entrevistas devido à relutância e desconfiança dos entrevistados acerca do bom uso das mesmas (temiam que pudessem ser usadas pela polícia ou outra entidade pública) daí que, a gravação nem era sugerida, para não provocar um clima de desconfiança. Assim, os temas e tópicos das respostas dos inquiridos eram anotados e posteriormente transcritos para o efeito de uma análise de conteúdo.

Relativamente ao mapa de rede social, pediu-se aos entrevistados que indicassem para cada quadrante e grau de intimidade, pessoas que constituíssem a sua rede social. Houve, no entanto, alguma oposição por parte dos participantes em indicar os nomes das pessoas e, por isso, preencheram o mapa apenas com a *quantidade* de pessoas para cada nível de intimidade e quadrante. A nível metodológico esta forma de preenchimento do mapa foi aceite, levando, no entanto, a que aparecessem mapas com frequências muito elevadas (e. g. 500 pessoas).

No geral, todos os participantes mostraram-se motivados em responder e não punham qualquer objecção (contudo, ocasionalmente, a investigadora teve que mostrar o seu cartão de estudante de psicologia para demonstrar que não se tratava de mais nada para além de um estudo universitário), salientando sempre que “我们不用你的名字”/Não queremos/ não precisamos saber o seu nome”. Ao contrário das advertências iniciais, a maioria dos imigrantes chineses abordados aceitou a participação no estudo depois de termos explicado o seu propósito, mostrando interesse e entusiasmo em responder.

2.3 Análise de Conteúdo

2.3.1 Pré-análise

Em estudos qualitativos como este, é sugerido que se proceda à análise de conteúdo para uma melhor compreensão dos dados (Smith, 2003 cit. por Lind, 2008). Propomos, por isso, uma análise de conteúdo de acordo com Bardin (2009) que envolve três momentos: pré-análise, exploração do material/tratamento de resultados e interpretação.

Esta primeira fase de pré-análise, proposta por Bardin (2009), consiste em três tarefas: 1. Definir objectivos; 2. Recolha de dados; 3. Constituição do *corpus*. A definição de objectivos já foi mencionada em 2.1.2, a recolha de dados já foi detalhadamente explicitada em 2.2.3, faltando, assim, a constituição do *corpus*. O *corpus* do nosso estudo é constituído pelas transcrições feitas a partir das anotações realizadas no decorrer das entrevistas. De acordo com Bardin (2009) o *corpus* tem que respeitar determinadas regras, tais como: exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. Por isso, na criação do nosso *corpus* houve a preocupação de torná-lo passível de análise na sua totalidade, de ser representativo de um universo inicial, que fosse homogéneo entre si, e que correspondesse aos objectivos definidos previamente.

2.3.2 Redução dos Resultados

2.3.2.1 Categorização

Após a fase da pré-análise, passamos para a exploração do material/tratamento de dados. Esta fase tem como objectivo condensar os extensos dados brutos, permitindo, assim, que seja possível a sua análise (Lind, 2008). Bardin (2009) refere que a codificação é o processo pelo qual esta condensação de dados é feita. Esta transformação é realizada de acordo com regras precisas de modo a que a informação seja agrupada e enumerada, para assim poder representar, o mais fielmente possível, o conteúdo ou expressão do *corpus*.

A categorização começa com um recorte do texto em elementos. Para este estudo optou-se pelo recorte por unidades temáticas. O *tema* pode ser uma expressão, afirmação, frase, conjunto de frases ou um resumo que diga respeito a uma ideia ou assunto específico. Esta é a unidade de registo escolhida que será passível de categorização e contagem por frequências (Bardin, 2009). O tema será o recorte que nos

permite descobrir unidades de sentido e significações, que compõem o discurso, a sua ausência ou frequência. Estes possuem significados e são passíveis de interpretações relevantes para o objectivo do estudo (Lind, 2008). As categorias semânticas são, por isso, agrupamentos destas unidades temáticas que possuem semelhanças entre si. Torna-se, pois, necessário proceder à sua criação.

O estabelecimento destas categorias (Bardin, 2009) pode ser feito *a priori*, ou seja, elaborado através do procedimento *top-down* onde são estabelecidas categorias predefinidas com base no guião, ou *a posteriori* (procedimento *bottom-up*), onde podem emergir novas categorias através dos próprios dados recolhidos. No caso do presente estudo, usou-se uma combinação de ambos os procedimentos, ou seja, já possuíamos categorias expectáveis e predefinidas (factores de risco e factores protectores), mas após uma análise cuidada dos dados foram surgindo novas categorias (e.g. Necessidades/Desejos). Bardin (2009) ainda sugere regras no estabelecimento destas categorias de modo a que a subjectividade seja minimizada. De acordo com a autora, as categorias deverão respeitar: a) Exclusão mútua – categorias mutuamente exclusivas; b) Homogeneidade – categorias que possuem uma coerente dimensão de análise; c) Pertinência – relevância para o quadro teórico definido; d) Objectividade e fidelidade – quando submetidas a várias análises, as unidades temáticas deverão ser codificadas da mesma forma; e) Produtividade – categorias que fornecem resultados férteis em inferências.

Após uma reflexão cuidada, e tendo em consideração todas as características referidas, propomos as seguintes categorias:

RI – Razões Imigração
FR – Factores de Risco
ND – Necessidades/ Desejos
FP – Factores Protectores

As Razões de Imigração (RI) seriam as razões pelas quais o entrevistado decidiu vir para Portugal. Esta categoria estaria relacionada com as questões do guião “Porque veio para Portugal?”; “Que projectos tinha para serem realizados em Portugal?”. Os Factores de Risco (FR) estariam mais relacionados com as perguntas “Que principais dificuldades sentiu na chegada a Portugal?”; “O que gostava de ter cá e não tem?” e “A que foi mais fácil habituar-se?”. As Necessidades/Desejos (ND) referiam-se a questões como “De que sentiu mais saudades?”; “O que gostava de ter cá e não tem?” ou “O que

gostava de mudar em Portugal?”. Os factores protectores (FP) foram averiguados por questões como “Como conseguiu ultrapassar todas as dificuldades?”; “O que foi importante para habituar-se à vida em Portugal?” ou “O que aprecia/gosta de Portugal?”

2.3.2.2 Codificação de Indicadores e suas Frequências

Os indicadores foram enumerados nas categorias que lhes diziam respeito à medida que iam aparecendo no decorrer da leitura e análise das entrevistas transcritas. Para cada indicador era registada a sua frequência ao longo das entrevistas, ou seja, se se tratasse de um indicador novo, era numerado um novo indicador, caso já existisse, era simplesmente contabilizada a frequência da mesma.

A análise de conteúdo resultou nas categorias, indicadores e frequências que pode ser analisada na tabela seguinte:

Tabela 1. Categorização: indicadores e frequências

Temas	Frequência	Percentagem
RI – Razões Imigração		
RI1 – Família em Portugal	13	6.67
RI2 – Ganhar dinheiro	13	6.67
RI3 – Viver Melhor	5	2.56
RI4 – Casar	1	.51
RI5 – Trabalhar	5	2.56
RI6 – Abrir Loja	2	1.02
RI7 – Aprender Português	1	.51
RI8 – Ser Dona de Casa	1	.51
RI9 – Fazer Negócios	2	1.02
FR – Factores de Risco		
FR1 – Língua Portuguesa	17	8.72
FR2 – Sem dificuldades	9	4.62
FR3 – Afastamento Família e Amigos	12	6.15
FR4 – Diferenças Culturais	12	6.15
FR5 – Discriminação/Insultos	1	.51

FR6 – Solidão	1	.51
FR7 – Adaptação a Portugal (burocracias)	8	4.10
ND – Necessidades/ Desejos		
ND1 – Voo directo	1	.51
ND2 – Facilidade para fazer negócio pelo gov. português	2	1.02
ND3 – Facilidade em obter visto	2	1.02
ND4 – Melhoramento Economia Portuguesa	7	3.59
ND5 – Médicos Medicina Tradicional Chinesa	1	.51
ND6 – Tradutores em todos os serviços públicos	2	1.02
FP – Factores Protectores		
FP1 – Cultura Chinesa	1	.51
FP2 - Forças Interiores	8	4.10
FP3 – Clima	18	9.23
FP4 - Simpatia dos Portugueses	10	5.13
FP5 - Sistema Social/ Político	2	1.02
FP6 - Comida Portuguesa	5	2.56
FP7 - Transportes Públicos	2	1.02
FP8 – Ajuda da Família e Amigos/ Integração na Comunidade Chinesa	20	11.28
FP9 – Estilo de vida chinês em Portugal	3	1.54
FP10 – Dinheiro	4	2.05
FP11– Deixar correr o tempo	2	1.02

2.4 Caracterização da Amostra

Neste estudo participaram 20 imigrantes de nacionalidade chinesa. Esta amostra é composta por 10 (50%) imigrantes do sexo feminino e 10 (50%) imigrantes do sexo masculino. A idade encontra-se compreendida entre os 19 e os 63 anos, apresentando uma média de 35,53 (DP=10,58), contudo, ressalta-se a omissão da idade por uma imigrante que se negou a fornecer tal informação. Apesar de não existirem tabus em perguntar a idade a mulheres dentro da comunidade chinesa, a sua atitude foi respeitada.

Acredita-se que este pouco à vontade para revelar a idade esteja relacionado com alguma influência ocidental.

A maioria dos imigrantes tem um agregado familiar composto por 3 (6 imigrantes = 30%) ou 4 elementos (6 imigrantes = 30%), sendo que 17 indivíduos eram casados (85%). Esta amostra é composta por imigrantes de várias províncias da China (Shanghai/上海, Zhejiang/浙江, Guangxi/广西, Sichuan/四川, Shandong/山东, Liaoning/辽宁 e Guangdong/广东) sendo que a maioria provém de Zhejiang (8 imigrantes = 40%), de seguida de Shandong (5 imigrantes = 25%) e as restantes províncias representadas por 1 ou 2 indivíduos (ver Gráfico 1).

Gráfico 1. Local de Nascimento

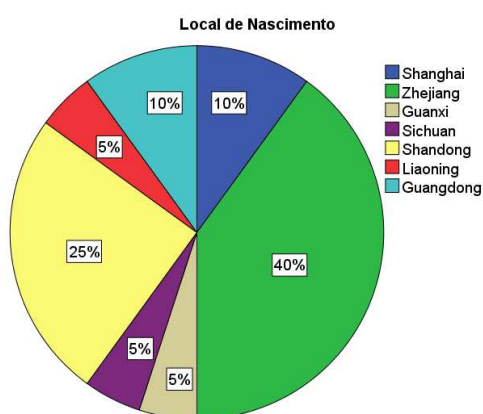
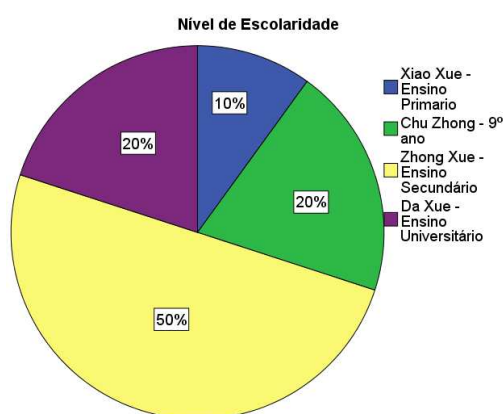


Gráfico 2. Escolaridade



Relativamente ao nível de escolaridade, a maioria encontrava-se na zhong xue/中学 (equivalente ao nosso ensino secundário) representando 50% da amostra (10 imigrantes). Sendo que xiao xue/小学 corresponde ao ensino primário (10%), chu zhong/初中 ao 2º ciclo ou 9º ano (20%) e da xue/大学 ao ensino universitário (20%) (Ver Gráfico 2).

A razão para a imigração para Portugal mais encontrada foi o trabalho (16 imigrantes = 80%). Relativamente à chegada a Portugal, a maioria terá vindo para Portugal sozinho (11 imigrantes = 55%). Os anos de permanência em Portugal dos entrevistados variam entre 1 e 28 anos, sendo que a média é de 7,55 anos (DP= 7,77).

A profissão mais frequente dentro da amostra foi a de empregado de comércio/restaurante (15 imigrantes = 75%) sendo que somente 3 imigrantes se diziam donos de um negócio em Portugal (15%) (ver Gráfico 3). Os locais de trabalho mais

comuns foram lojas chinesas (10 imigrantes = 50%) e restaurantes (7 imigrantes = 35%) (ver Gráfico 4). Quanto à religião, a maioria dos imigrantes considera-se não praticante (85%) e 50% da amostra diz-se sem religião.

Gráfico 3. Profissão

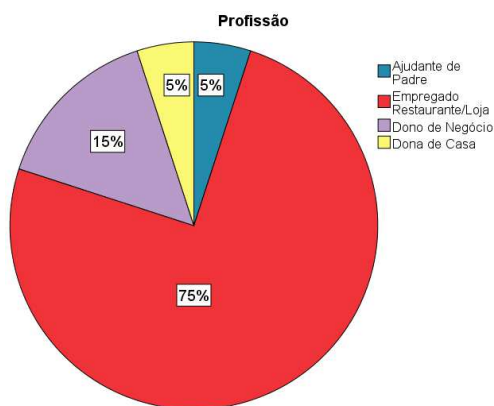
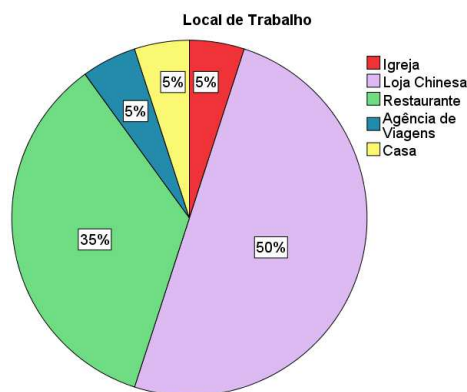


Gráfico 4. Local de Trabalho



3. Apresentação de Resultados

Os dados resultantes da categorização (ver Tabela 1) foram submetidos a uma análise de *cluster* de tipo *K-means*. De acordo com Pestana & Gageiro (2003), este é um procedimento multivariado capaz de descobrir grupos homogêneos de dados sendo que estes grupos podem ser constituídos por variáveis ou casos. No estudo presente, trata-se de analisar casos, ou seja, os indicadores de cada categoria e as suas frequências. O objectivo passa por dividir estes casos por classes que sejam homogêneas no seu interior e o mais distante de umas das outras, e assim, verificar quais os agrupamentos de indicadores temáticos mais relevantes para a amostra em estudo (Lind, 2008).

Através do *software* SPSS, procedeu-se à estandardização das frequências dos indicadores temáticos antes da realização da análise de *cluster*, assim, as frequências foram convertidas em notas Z, de média 0 e desvio-padrão 1 (ver Apêndice III).

A partir dos valores estandardizados Z procedeu-se à análise de *cluster*. Submeteu-se a uma organização com quatro *cluster*, que foi resolvida por apenas 2 iterações (o que é um muito bom indicador para este modelo) e que resultou numa divisão de indicadores por classes/*cluster* descrita na Tabela 2.

Tabela 2. Análise de *Cluster*

	Classe 1	Classe 2	Classe 3	Classe 4
RI	RI1 - Família em Portugal RI2 – Ganhar Dinheiro		RI3 – Viver Melhor RI5 – Trabalhar	Restantes Itens
FR	FR3 – Afastamento Família e Amigos FR4 – Diferenças Culturais	FR1 – Língua Portuguesa	FR2 – Sem Dificuldades FR7 – Adaptação a Portugal (burocracias)	Restantes itens
ND			ND4 – Melhoramento Economia Portuguesa	Restantes itens
FP	FP4 – Simpatia dos Portugueses	FP3 – Clima FP8 – Ajuda da Família Amigos/ Integração Comunidade Chinesa	FP2 – Forças interiores FP6 – Comida Portuguesa FP10 – Dinheiro	Restantes itens

De acordo com o Gráfico 5, que nos permite observar as distâncias entre os *clusters*, observamos que o *cluster 2* é o mais relevante para esta população. Este cluster inclui a *língua portuguesa* como um factor de risco e o *clima* e *ajuda de família e amigos* como factores protectores. O *cluster 1* é o que mostra maior relevância depois do *cluster 2*. Este inclui duas razões para a imigração, a *família em Portugal* e *ganhar dinheiro*, dois factores de risco, *afastamento da família e amigos* e *diferenças culturais*, e a *simpatia dos portugueses* como um factor protector da adaptação em Portugal. O *cluster 3*, como é visível no gráfico 5, tem uma maior distância com os outros dois *clusters* (1 e 2). Este *cluster* já inclui indicadores como *viver melhor* e *trabalhar* apontadas como razões para a imigração; os factores de risco indicados são *não sentir dificuldades* e *adaptação a Portugal (burocracias)*. Somente neste *cluster* é que uma necessidade/desejo é enaltecida sendo que é o *melhoramento da economia portuguesa*, como factores protectores destacam-se neste cluster *forças interiores*, *comida portuguesa* e *dinheiro*. Todos os restantes itens caem no *cluster 4*.

Gráfico 5. Distância entre os 4 *Cluster*



Relativamente aos dados do mapa de rede social, contabilizou-se o nº de pessoas que foram indicadas pelos participantes para a rede social de cada indivíduo tendo em conta: a sua localização no quadrante, o nível de intimidade, a etnia (chinês ou português) e, se os chineses assinalados estariam em Portugal ou na China. A partir destes dados aplicaram-se testes estatísticos não paramétricos, para averiguar se haveriam diferenças significativas e se existiriam correlações entre as características da rede social e os dados sócio-demográficos, como a idade e o tempo de permanência em Portugal.

Os participantes indicaram na totalidade uma média muito mais elevada de chineses do que portugueses em toda a rede social dos participantes (Tabela 3). É de referir que estamos na presença de um elevado desvio padrão, que indica uma grande variabilidade de respostas. Aplicou-se o teste não paramétrico para amostras relacionadas de Wilcoxon, que determinou que a diferença entre chineses e portugueses indicados na rede social é significativamente diferente, a um nível de significância de $p<.000$.

Passou-se a verificar se haveriam diferenças entre os quadrantes do mapa de rede social (família, amigos, colegas e comunidade), incluindo tanto chineses como portugueses. A tabela 4 mostra as médias e desvio padrão relativamente aos diferentes quadrantes, salientando que o grupo que constitui a família foi o que apresentou uma média (46,3; DP=84,43) mais elevada.

Tabela 3. Média e DP da Rede Social Total Chineses e Portugueses

	Média	DP
Total Chineses	125,50	238,23
Total Portugueses	7,20	15,38

Tabela 4. Média e DP Quadrantes Totais Chineses com Portugueses

	Média	DP
Família	46.30	84.43
Amigos	43.90	120.03
Colegas	38.65	123.39
Comunidade	3.85	9.10
Total	132.70	252.72

Aplicou-se o teste não-paramétrico para mais que duas amostras relacionadas de Friedman, para averiguar se haveriam diferenças entre os quatro grupos e concluiu-se que existem diferenças muito significativas a um nível de significância de $p<.000$. Relativamente à quantidade de portugueses face ao quadrante em que estão inseridos, é de notar que, em termos de frequências, o grupo amigo é o que possui uma frequência maior (ver Tabela 5). De realçar que não houve ocorrência de portugueses no quadrante família, pois não foi indicada nenhuma união matrimonial com portugueses. De acordo com o teste de Friedman, as diferenças entre os vários grupos de portugueses são significativamente diferentes ($p=.019$). No que toca aos chineses em relação com os quadrantes, os dados são muito semelhantes com a análise dos quadrantes gerais, sendo que a família possui a maior frequência ($M=46,30$; $DP=84,43$), depois os amigos ($M=40,00$; $DP=119,05$), de seguida os colegas ($M=38,45$; $DP=123,45$), e com frequência mais baixa a comunidade ($M=.75$; $DP=2,10$) sendo que apresentaram diferenças muito significativas de acordo com o teste de Friedman ($p<.000$).

Também se procedeu à análise ao nível de intimidade dos sujeitos referidos no mapa de rede social. Primeiro realizou-se uma análise global do nível de intimidade, incluído os chineses e os portugueses (Tabela 6). O nível 2 (intimidade média), apresenta uma média maior, de seguida o nível 1, (intimidade máxima), e por último o nível 3, (intimidade baixa), mostrando uma média menor. Estes dados também foram testados de acordo com o teste não-paramétrico de Friedman, demonstrando que se tratam de diferenças muito significativas entre os níveis ($p<.000$).

Tabela 5. Média e DP Quadrantes Portugueses

	Média	DP
Amigos (Portugueses)	3,90	12,16
Colega (Port.)	0,20	0,70
Comunidade (Port.)	3,10	8,97
Totais	7,20	15,38

Tabela 6. Médias e DP Nível de Intimidade

	Média	DP
Nível1	42,65	52,10
Nível2	77,60	213,55
Nível3	12,45	25,50

Procedeu-se ainda à análise do nível de intimidade discriminando portugueses e chineses. Relativamente a portugueses, o nível 3 foi considerado o mais comum de acordo com a sua frequência (M=4,60; DP=14,65), depois o nível 1 (M=1,20; DP=3,25) e o nível 2 por último (M=.90; DP=2,02). Estas diferenças não se revelaram significativas.

Face ao nível de intimidade com a rede social chinesa, o nível 2 mostrou-se o mais frequente (M=76,70; DP=213,05), o nível 1 com uma média menor (M=41,45; DP=51,98) e o nível 3 com uma média ainda menor (M= 7,85; DP= 22,41). Estas diferenças são muito significativas para $p<.000$.

Dividiu-se o grupo de chineses em, chineses residentes em Portugal e chineses residentes na China ou noutros países europeus, e verificou-se, através de um teste não paramétrico de Wilcoxon, que não havia nenhuma diferença significativa. As médias de chineses na China e de chineses em Portugal foi de 62,35 e 63,35 (DP=193,05; 148,56), respectivamente.

Tentou-se verificar se haveria alguma correlação das várias características já explicitadas do mapa de rede social, com duas variáveis: idade e anos de permanência em Portugal. Analisou-se através da correlação de *Pearson* as diferentes variáveis, não se tendo verificado nenhuma correlação significativa (ver Apêndice IV).

4. Discussão dos Resultados

De acordo com a análise de *cluster* e a análise do mapa de rede social, poderemos retirar agora algumas conclusões relativamente aos factores de risco, factores protectores, às necessidades sentidas, estabelecendo algumas características do mapa de rede social e, compreender a sua importância para esta amostra da comunidade chinesa em Portugal.

Que factores de risco foram identificados por esta amostra, na adaptação a Portugal? Com base na análise classificatória, o factor de risco *língua portuguesa*, mostrou-se como o mais relevante. Este indicador é congruente com a investigação que mostra que a maior dificuldade para um chinês que se encontre imigrado no estrangeiro é a aprendizagem do novo idioma (Ying, 1996). A pouca proficiência no idioma do país de acolhimento é um problema bastante comum na comunidade imigrante chinesa. Esta é uma evidência a ter em conta, visto que o conhecimento da língua pode potenciar uma

melhor integração. Especificamente, entre a língua portuguesa e o mandarim existe um grande hiato de relações e familiaridade linguística. A língua portuguesa pertence à grande família de línguas indo-europeias e, em contrapartida, o idioma oficial chinês (o mandarim), pertence à família sino-tibetana. As diferenças entre os dois idiomas são muito grandes, passando pela fonética, morfologia, ortografia, sintaxe e formação de palavras (Sen, 1998). Por exemplo, a gramática portuguesa é francamente mais complexa que a gramática chinesa onde, por exemplo, não há necessidade de conjugar os verbos nas várias formas pessoais. A escrita também constitui um desafio, com a habituação de uma escrita de base fonética em oposição ao chinês, uma língua de base ideográfica.

Em Lisboa, existem locais onde estão disponíveis aulas gratuitas de português para chineses. Estes são cursos bastante populares e com muita adesão. Os entrevistados referiram já ter estado envolvidos em cursos oferecidos por várias entidades. Contudo, afirmam que onde melhor aprendem português, é no seu dia-a-dia laboral através do contacto com os portugueses. Por isso, muitas vezes o seu vocabulário está muito limitado à sua actividade profissional. A título de exemplo, um excerto de uma entrevista:

Estar com os portugueses todos os dias ajudou a aprender (a língua). No início ainda tentei ter aulas, mas como era muito difícil, não percebia muito bem a maior parte das aulas, é mais fácil aprender com os clientes.

Outro factor de risco que se mostrou de relevância para a experiência de imigração foi o *afastamento da família e amigos* e as *diferenças culturais* (cluster 1). Tendo em consideração que a família é a instituição sagrada da sociedade chinesa, o que inclui a família alargada como sogros (McGoldrick et al, 1991), a família que é deixada para trás, na China, deixa muitas saudades. No contexto das entrevistas muitos deles relataram que foram obrigados a deixar os seus filhos a cargos dos avós na China, ou que sentem falta dos seus amigos, ou de familiares mais afastados, sendo que o contacto, apesar de frequente devido às novas tecnologias, nunca é satisfatório.

Quando saí da China tinha acabado o Secundário e por isso tive saudades dos meus amigos e colegas de turma. Como vivi muitos anos só com a minha avó, ela era muito importante para mim e quando vim para Portugal senti muito a falta dela.

As *diferenças culturais* que foram mencionadas incluem diferenças de concepções, diferenças gastronómicas, saudades das tradições e festividades chinesas ou o choque inicial das características de Portugal e dos portugueses.

Os sítios de divertimento são muito diferentes dos da China. Os bares e as discotecas são muito diferentes. A cultura é muito diferente, não é a mesma coisa. (...) A maneira de fazer as coisas é difícil, é difícil de aceitar a forma de pensar portuguesa. Por exemplo, no outro dia fomos ao SEF com o nosso filho de 9 meses, chegámos lá às 9 da manhã e só fomos atendidos no final do dia. Quando fomos finalmente atendidos, houve um problema qualquer que a funcionária pediu que voltássemos no dia seguinte. Não percebo a maneira de pensar dos portugueses, não compreendo como é que para registar um bebé não seja dada prioridade. Na China não seria assim.

Contudo, rapidamente justificam que até há uma certa facilidade de viver “como na China” pois facilmente se adquirem produtos chineses em supermercados especializados, ou frequentar cabeleireiros chineses, restaurantes chineses e outros estabelecimentos, que trazem toda a tradição e vivência chinesa.

As burocracias face à *adaptação em Portugal* foram referidas, com alguma relevância, como um factor de risco. A dificuldade para obter o cartão de residência, combinado com a falta de tradutores que auxiliassem a comunicação, foi referida como uma dificuldade que contam que seja ultrapassada, com a existência de mais tradutores em instituições governamentais portuguesas. Esta situação era muitas vezes resolvida pelo apoio e experiência dos imigrantes com mais anos em Portugal e, por isso, mais familiarizados com todos os processos burocráticos.

Relativamente à procura de necessidades específicas desta amostra chinesa em Portugal, somente uma necessidade/desejo se destaca. *Melhoramento da economia portuguesa*, que consequentemente traz um melhoramento dos negócios gerando mais emprego e riqueza. É de referir que se trata de uma necessidade “colectiva” e não de uma necessidade “individual”, tantas vezes referidas em sociedades ocidentais. As necessidades, foco importante para a discussão do bem-estar da comunidade chinesa em Portugal, não foram muito mencionadas pela amostra. Isso poder-se-á explicar pela forma como indivíduos de etnia chinesa vivem os problemas e as dificuldades: preferem adoptar uma perspectiva pessoal de conformismo (Huang, 1977) e, por isso, não existem muitas “queixas” ou situações que desejem ver mudadas. Houve algumas referências pontuais relativas ao desejo de existirem mais médicos de medicina tradicional chinesa ou agilização do processo de aquisição do título de residência, mas na nossa análise de *cluster* estas necessidades não se revelaram como especialmente relevantes.

A partir dos maiores e mais importantes factores de risco e necessidades desta amostra, passaremos agora a tentar perceber as estratégias e factores protectores utilizados. A partir do *cluster* que se mostrou mais relevante, temos dois factores protectores: a *ajuda de familiares e amigos* e o *clima*. A importância do apoio social é congruente com a investigação e com as evidências das características colectivistas da comunidade chinesa (Hsu, Chen et al., 2008). Para ser possível que um chinês emigre, é necessário que já existam contactos e redes de relações no país de chegada. Ao analisar as razões para a imigração nos nossos resultados, a presença de algum familiar ou amigo no país de destino é a mais frequente. Ao longo das entrevistas fez-se notar que, apesar da viagem inicial para o país de acolhimento ser solitária, ou seja, sem a companhia de amigos ou familiares, os conhecimentos e contactos da comunidade chinesa em Portugal são, por assim dizer, uma condição *sine qua non* e servem como rede de apoio inicial a todo o processo de adaptação.

A família ajudou para a escolha do país e para adaptar-me. Eles já viviam em Portugal. Ainda pensei ir para França, porque o salário é mais alto e a vida mais fácil, mas a minha família estava em Portugal, por isso escolhi Portugal.

Quando era perguntado o que mais gostavam em Portugal, foi mencionado com maior frequência o *clima*. Há que salientar as condições meteorológicas severas na China: trata-se de verões muito húmidos (humidade a chegar aos 90%) e invernos muito rigorosos. Em comparação, as condições meteorológicas portuguesas são, de facto, mais facilmente toleráveis. Inclusivamente, estudos da psicologia do ambiente salientam relações evidentes entre a temperatura ideal com a produtividade e bem-estar (Bell et al, 2001). Com menor relevância e, de acordo com a análise de *cluster*, a *simpatia dos portugueses* foi considerada como um factor protector. O curioso é que este indicador foi referido não só quando se pediam características positivas de Portugal, mas também quando se perguntava se havia dificuldades ou necessidades, e aí, não se cansavam de elogiar a simpatia dos portugueses:

Não há nada difícil aqui (Portugal), as pessoas são muito simpáticas e o clima muito agradável.

Não gosto do pão (português), mas o clima é muito bom. Também acho que os portugueses são simpáticos.

O clima é muito bom. As pessoas também são muito simpáticas e as raparigas portuguesas muito bonitas.

Talvez este seja um indicador de que Portugal e os portugueses constituem uma sociedade pluralista e multicultural, com baixos níveis de preconceito e com uma boa tolerância ao fenómeno migratório chinês, especificamente. Somente um participante

relatou ter sido alvo de discriminação e insultos. O entrevistado, contudo, não se sentiu à vontade para aprofundar o assunto. Um estudo realizado com portugueses acerca das concepções e preconceitos face à população imigrante, mostra que, com os chineses em particular, referem-nos de forma positiva pela percepção de que este grupo contribui para a prosperidade económica no mercado nacional (Rosário, Santos & Lima, 2011).

O factor protector *forças interiores*, também se mostrou de alguma importância na análise realizada. Uma entrevista em especial relata a vivência de uma mulher que veio para Portugal para encontrar um marido. Nos primeiros dias em Portugal teve o apoio de um primo que já cá morava, mas que saiu de Lisboa pouco tempo depois, deixando-a sozinha. Esta foi a única entrevista em que se sentiu alguma abertura por parte de entrevistado para falar de emoções, dúvidas ou conflitos. A imigrante sentiu-se à vontade de falar acerca dos momentos de solidão e dificuldade, e relatou que foi capaz de ultrapassar estas situações pela perseverança, auto-controlo e orgulho.

Quando cheguei vivia com o primo, mas pouco tempo depois o meu primo foi para o Porto e eu decidi ficar em Lisboa. Foi uma altura complicada, foi difícil arranjar uma casa onde viver. (...) Também tive problemas em arranjar um trabalho porque antes trabalhava no negócio do meu primo (...) e não tinha muito dinheiro. Não pedi ajuda a ninguém, sozinha tentei resolver (...) tudo, o que consegui foi com muito esforço próprio e muito trabalho. Dignidade própria foi o que me fez ultrapassar tudo... Não era capaz de voltar à China e que a minha família visse que tinha fracassado na minha saída, por isso esforcei-me por aguentar tudo e ficar em Portugal.

Este testemunho confirma a tendência dos chineses optarem por estratégias de *coping* pró-sociais, ou seja, preferem mudar-se a si próprios do que incomodar a homeostase relacional com os outros (Hsu, Chen et al., 2008)

Perguntamo-nos, ainda assim, porque é que estes imigrantes optaram por Portugal? As relações próximas de Portugal com a China através de Macau, a ex-colónia portuguesa, não explicam de todo o fenómeno migratório. Quando questionados acerca das razões da sua vinda para Portugal, os indicadores mais comuns apareceram como: *família em Portugal* e *ganhar dinheiro*. Como já foi referido anteriormente, a imigração chinesa depende muito da rede de relações no país de destino, assim, a imigração é muitas vezes impulsionada caso já haja familiares ou amigos para poder recebê-los e apoiá-los. Quanto ao *ganhar dinheiro*, a procura de uma vida melhor e mais confortável é uma das razões mais comuns para a imigração em geral. A necessidade/desejo de que haja um melhoramento da economia portuguesa é congruente

com este objectivo. Contudo, vale a pena salientar que o dinheiro desempenha um importante papel na cultura chinesa. Na cultura chinesa, os três pilares base para uma vida bem sucedida são: felicidade, longevidade e prosperidade. Muitas tradições, costumes e superstições giram à volta do desejo de obter cada vez mais riqueza. Inclusivamente, nas várias categorias da nossa análise, o dinheiro foi mencionado, seja como razão da imigração seja como factor protector.

O indicador *sem dificuldades* apresenta-se com alguma relevância para a amostra, ou seja, quando era perguntado se haveria dificuldades na sua forma de vida em Portugal, muitos dos inquiridos respondiam que não havia dificuldade alguma. De acordo com a literatura, a cultura chinesa não encoraja a auto-revelação ou a expressão de emoções extremas. A gestão de emoções conflituosas é normalmente evitada (Hwang, 1977). As significações e a importância dada a estas dificuldades podem também contribuir para este indicador, pois para a comunidade chinesa pode ser que as dificuldades tenham um peso diferente, ou seja, comparativamente com o ocidente, os problemas na comunidade chinesa são subvalorizados. Estudos trans-culturais de depressão mostram uma aparente baixa frequência de casos de depressão em chineses (Kleinman, 1982; cit. por Ryder et al., 2008). Os chineses, congruentes com o evitamento de conflitos emocionais, apresentam mais sintomas somáticos do que queixas emocionais/psicológicas (Ryder et al., 2008).

Ainda assim, no decorrer deste trabalho, as expectativas eram de que seriam apresentadas queixas e stressores de cariz maioritariamente instrumental por esta amostra imigrante. Discursos como *não há dificuldades, é tudo fácil* apareceram como uma surpresa. A cultura chinesa e a cultura portuguesa são, sem dúvida, muito diferentes. Se invertida a situação, ou seja, se se tratasse de um português na China, certamente teríamos um relato de várias situações referentes aos desafios de adaptação: muito dificilmente iria ser encarado como fácil durante os primeiros tempos. Um entrevistado referiu que basta ser *chinês* para conseguir adaptar-se a qualquer contexto, Para este entrevistado, ser de etnia chinesa é o que basta para poder sobreviver a todas as vicissitudes referentes à imigração, pois a sua cultura e tradições orientais oferecem os recursos necessários para uma boa adaptação. Será que poderemos falar, assim, de uma cultura intrinsecamente resiliente?

Relativamente à proposta de exploração da rede social destes imigrantes, denota-se que é constituída essencialmente por indivíduos chineses e a presença de portugueses mostrou-se pouco significativa. A família constitui o grupo de relações mais relevantes

confirmando a norma cultural de que a família é o centro da organização social chinesa (tanto a família nuclear como alargada foram identificadas, obtendo redes sociais com famílias de 100 elementos). A presença de indivíduos portugueses nas redes sociais destes imigrantes revelou-se escassa, salientando, contudo, que comparando os grupos de pertença, o grupo amigo foi o que se revelou mais significativo. Ainda assim, o nível de intimidade mais considerado foi o nível mais afastado (menos intimidade).

A análise geral dos níveis de intimidade veio a verificar-se que o nível de intimidade intermédio é o mais comum com os constituintes das redes sociais. Em análises de redes sociais de indivíduos europeus, normalmente o nível mais afastado é o que apresenta frequências maiores (Lind, comunicação oral). Esta evidência obriga-nos a reflectir sobre o que é uma relação íntima entre indivíduos de etnia chinesa. Há a possibilidade de que haja uma discrepância entre o que os portugueses consideram como uma relação íntima (apoio emocional; auto-revelação) e os chineses (onde tais padrões não são tão frequentes).

Não foi encontrada nenhuma diferença significativa entre os valores da rede social de chineses em Portugal e de chineses na China. Este resultado descreve as relações com chineses em Portugal e na China como semelhantes, o que pode sugerir que as relações com a família, amigos ou conhecidos na China continuam, de algum modo fortes e são relevantes para o indivíduo. As mudanças que ocorrem na rede social do imigrado obriga, pela distância geográfica, que muitas das anteriores relações do país de origem se desvançam (Sluzki, 1992), os resultados verificados nesta amostra chinesa, parece que vão contra esta tendência. Poderemos hipotetizar que a facilidade de comunicação actual mantém e fortalece relações distantes, mais especificamente, as relações familiares e de amizade deixadas na China.

Não foi encontrada nenhuma correlação entre as várias características das redes sociais e os dados sócio-demográficos, como anos de permanência em Portugal e idade do imigrante. Haviam algumas expectativas de que, quanto mais tempo o imigrante estivesse em Portugal, maior número de portugueses seriam incluídos na rede social de cada um, ainda assim, nada se verificou. Pode ser que o tempo de permanência em Portugal não seja o melhor indicador de envolvimento com a cultura portuguesa. Por exemplo, o entrevistado com um maior tempo de permanência em Portugal foi o que mostrou menor conhecimento da língua. Julga-se que a existência de relações com portugueses esteja mais relacionada com as formas de exposição que os imigrantes têm com esta população, e não necessariamente o *tempo* passado em Portugal. Por exemplo,

uma criança na escola portuguesa ou um chinês a trabalhar numa empresa portuguesa terá uma maior probabilidade de encontrar e relacionar-se com portugueses do que um imigrante que, apesar de estar em Portugal há muitos anos, vive mais ligado à comunidade chinesa.

Pelos baixos índices de portugueses na rede social, dificilmente podemos falar da integração multicultural desejada (Berry, 2001). O pouco contacto existente com o exogrupo e a determinação cultural desta amostra, leva-nos a pensar que estamos em presença de uma estratégia de aculturação designada por segregação. A pouca representatividade da amostra obriga-nos, contudo, a que estudos quantitativos de amostras maiores sejam realizados para uma compreensão global do fenómeno. Os resultados deste estudo exploratório vêm evidenciar a importância do apoio e integração que os familiares e amigos podem trazer para a imigração chinesa. Esta rede social pode ser encarada como a impulsionadora para a imigração, como factor protector pela adaptação que proporciona, e a ausência desta rede constitui um importante factor de risco. A análise das redes sociais mostra uma constituição predominantemente chinesa, com famílias, amigos e colegas em número elevado. Por isso, avaliar a adaptação do imigrante chinês, é avaliar a comunidade e o seu conjunto de relações. Crê-se que a presença de uma rede social forte e apoiante seja o melhor preditor para bem-estar psicológico desta população, e que a sua ausência poderá representar o preditor mais significativo para a solidão e mal-estar psicológico.

O presente estudo vem fornecer alguns indícios importantes acerca das características da adaptação da imigração chinesa em Portugal que se julgam ser relevantes, tanto para estudos futuros, como para reflexões acerca das possíveis implicações práticas.

4.1 Limites e Críticas ao Presente Estudo

Gostaríamos de analisar alguns potenciais limites e críticas a este estudo a nível metodológico. Relativamente à construção do guião da entrevista, reconhece-se que este poderá ter sido construído com uma influência da percepção ocidental, em relação ao que é considerado um problema, o seu peso relativo e as suas formas de resolução. Durante a realização das entrevistas, sentiu-se alguma dificuldade em manter as

questões do guião, pois estava demasiadamente focado nos problemas que se pudessem sentir, e muitos dos relatos referiram a não existência de dificuldades ou problemas. Havia a expectativa de que dificuldades iriam ser salientadas e, por isso, o questionamento relativamente às estratégias utilizadas remetiam às respostas que se esperava serem dadas. Assim, quando muitos dos entrevistados relataram “não ter dificuldades”, as perguntas seguintes deixavam de fazer sentido. É possível discutir se esta (nossa) necessidade de procura de problemas e dificuldades não é fruto de uma conceptualização ocidental de problemas e dificuldades. Será que a exploração tão persistente de factores de risco, surge da forte percepção ocidental desta investigação? Será que não pretendemos explorar uma realidade que, no fim de contas, pode até nem ser minimamente relevante para a comunidade chinesa?

Reconhecemos que a utilização de um tradutor auxiliar nas entrevistas, apesar das vantagens já referidas (criação de empatia p. ex.), e de serem dadas directrizes acerca dos objectivos e quanto aos procedimentos da entrevista, poderão ter ocorrido alguns enviesamentos, quando, por algumas vezes, e sem intenção, davam sugestões de respostas para o melhor entendimento das perguntas, reduzindo a possibilidade de surgirem outras respostas. A não-gravação áudio da entrevista também constituiu uma desvantagem, pois há a possibilidade de muita da informação ter-se perdido nas anotações no decorrer das entrevistas. Salienta-se que dificilmente os imigrantes chineses aceitariam tais condições.

Face à aplicação do mapa de rede social, as análises estatísticas descritivas revelaram um desvio-padrão muito elevado, mostrando uma grande heterogeneidade na amostra. Não se sabe ao certo a razão para o sucedido, mas podemos conjecturar acerca da compreensão plena da tarefa por todos os inquiridos, e é possível que o exercício não tenha sido bem explicado ou tenha sido mal percebido. Também porque o mapa de rede social era aplicado no final da entrevista, e muitos dos entrevistados mostravam já algum desconforto e cansaço estando visivelmente menos interessados em o preencher.

4.2. Implicações dos Resultados Obtidos

4.2.1 Terapêuticas

As características e normas da cultura chinesa que sobressaíram neste estudo, sugerem que, muito dificilmente aparecerá um indivíduo de etnia chinesa num gabinete

de apoio psicológico. A verdade é que a psicoterapia, por si só, é considerada uma importação ocidental para a China e para a cultura chinesa (Sim & Hu, 2009). Os modelos psicoterapêuticos ocidentais promovem e encorajam uma perspectiva de individualismo, assertividade e abertura na expressão de emoções que não se coaduna com o estilo de vida chinês/asiático onde são enfatizados valores colectivistas, conformidade, humildade, e auto-controlo emocional (Yakunina & Weigold, 2011).

Contudo, a psicoterapia pode ser vulgarmente sugerida ou recomendada a imigrantes chineses, tal como aconteceu com as intervenções terapêuticas que inspiraram esta investigação. Por isso, tendo em conta as especificidades da cultura chinesa, vale a pena reflectir sobre as práticas que poderão ser mais adequadas para esta população.

Julga-se que a terapia cognitivo-comportamental é a mais adequada para o acompanhamento de imigrantes chineses pelo foco directivo e não ambíguo. Leong (1986) cit. por Chen & Devenport, (2005) refere que imigrantes chineses preferem situações estruturadas e soluções práticas e imediatas para os seus problemas. Por seu turno, Chen & Devenport (2005) sugerem que deve ser bem explicada o que é a relação terapêutica e o processo terapêutico afim de criar expectativas realistas para o cliente. Pela tendência para o pouco contacto com a cultura do país de acolhimento, a terapia pode ser um local privilegiado onde se possa falar e discutir acerca destas diferenças (Zhang & Dixon, 2004).

Relativamente ao caso de estudantes internacionais asiáticos, onde o apoio social pode ser mais pobre, e, conseqüentemente, a possibilidade da existência de conflitos emocionais se torna maior, sugere-se que as equipas de apoio se tornem mais flexíveis e quebrem as concepções tradicionais da terapia ao “sair para a rua” e assim, chegar aos estudantes mais necessitados e que possam estar a sofrer de problemas de adaptação (Yakunina & Weigold, 2011).

4.2.2 Intervenção Comunitária

Visto que a intervenção terapêutica nos termos clássicos não pode ir tanto ao encontro das necessidades dos imigrantes chineses, quanto seria desejável, é possível colocar a hipótese de que a intervenção comunitária possua características que melhor se adaptam à filosofia de vida chinesa. As sociedades ocidentais são, cada vez mais

sociedades culturalmente diversificadas, com indivíduos provenientes das mais diversas origens, e, como tal, a intervenção comunitária, que promove o *empowerment* de comunidades de forma a tornarem-se activas e participativas nas mudanças que querem ver acontecer, tem-se tornado cada vez mais popular (Gutiérrez et al. 2005).

Lopez (2005), numa análise da integração social da comunidade chinesa em Espanha, afirma que o dinamismo do nicho económico chinês tem a sua correspondência no âmbito social, através do espírito associativista e a criação de associações de residentes chineses. Foi realizado um levantamento destas associações em Espanha, onde foi descoberto que a maioria destas, tem como propósito a manutenção e reforço da identidade chinesa. Como tal podemos realçar que apesar de haver impactos positivos na criação destes grupos e a consequente criação de redes de apoio interna, este aspecto pode também trazer impactos menos positivos face às menores oportunidades dos membros do grupo de se envolverem com a comunidade dominante (Sonn & Fisher, 2010). Não obstante, também se identificaram associações de carácter misto, como associações sino-espanholas ou sino-catalãs (Lopez, 2006). A existência destes grupos oferece uma oportunidade de integração que se julga necessária para uma identidade bicultural e uma melhor adaptação ao país de acolhimento. Também em Portugal, se assiste aos poucos à criação de comunidades e eventos luso-chineses com o objectivo de partilha de costumes e tradições e criação de relações entre os membros dos dois grupos. Este tipo de eventos e organizações deverá ser incentivado e mantido, pois julga-se que constituem formas de integração culturalmente sensíveis às especificidades colectivas da comunidade chinesa.

4.3. Sugestões para Estudos Futuros

Sabendo que as significações culturais chinesas revelam a preferência por uma não expressão de conflitos emocionais individuais ou até não pelo seu ignorar puro e simples, em congruência com a preferência por estratégias de *coping* focadas na resolução do problema, ou até no seu evitamento, podemos sugerir que partindo destes pressupostos se possa realizar um possível estudo. Poder-se-ia avaliar o grau de bem-estar desta comunidade imigrante, em termos gerais e, em relação com as estratégias dos imigrantes chineses que adoptam com os membros do país de acolhimento. Julga-se

que um estudo dessa natureza seria preponderante para a compreensão da adaptação da imigração chinesa.

Nos EUA, onde a comunidade chinesa é grande e tem já uma história antiga, remontando ao século XIX, com a massiva utilização de mão de obra chinesa na construção de infra-estruturas como os caminhos de ferro, existe uma forte corrente de investigação. Inclusivamente, podemos referir a existência de uma revista dedicada a esta temática, a *Asian American Journal of Psychology*. No entanto a maioria dos estudos encontrados, debruçam-se sobre as crianças ou adolescentes em idade escolar, ou sobre estudantes universitários a fazer intercâmbio nos EUA. Acredita-se que estas populações se encontram mais vulneráveis e estão mais expostas aos desafios que a imigração pode trazer, e por isso acredita-se que deverão ser alvo de um olhar aproximado, coisa que acontece também aqui, em Portugal. Os filhos de famílias imigrantes são obrigados a integrar-se na escola portuguesa quando, muitas vezes, pouco contacto têm com a língua ou a cultura nacional. Neste aspecto, seria importante estudar a adaptação dos imigrantes chineses ao contexto escolar em Portugal. A tendência das famílias chinesas para continuarem a viver sob os moldes chineses através de uma rede de relações maioritariamente chinesa, faz com que o contacto com a cultura portuguesa seja mínima. Por exemplo, tive conhecimento de uma situação onde uma criança chinesa, sem saber falar a língua portuguesa, entrou numa turma portuguesa e a professora viu-se na contingência de encontrar manuais de português e mandarim para poder apoiá-la. Será interessante perceber de que forma as escolas estão preparadas para este tipo de situações, de que forma estas crianças vêm estes desafios e de que forma os ultrapassam. Também, a dinâmica entre uma criança, que é colocada numa turma portuguesa, com todas as dificuldades linguísticas e culturais que daí advêm, e a sua família que, em casa leva uma vida explicitamente chinesa, constitui um interessante objecto de estudo. Estudos realizados, especialmente com adolescentes nos EUA (Hwang, Wood & Fujimoto 2010), mostram que estas diferenças ao nível de exposição à cultura predominante entre os filhos e os pais podem trazer problemas intergeracionais sérios.

Será igualmente de todo o interesse averiguar quais os factores subjacentes para o pouco contacto da comunidade chinesa com a comunidade portuguesa. Será a pouca proficiência na língua é a maior barreira? Será que, simplesmente, não querem? Será que o desejam mas não dispõem de formas para o poder fazer? Entendendo melhor os

factores para este fenómeno, será, no futuro, mais fácil criar intervenções comunitárias no sentido de colmatar estas dificuldades.

Sugerimos ainda, uma eventual investigação sobre os estudantes chineses que se propõem para um período de estudos numa Universidade em Portugal, em termos da sua rede social e adaptação à sociedade portuguesa. A mudança de país dos estudantes chineses normalmente é temporária. Contudo, ao contrário do típico imigrante chinês trabalhador, o estudante não possui uma rede social na qual se possa integrar logo que chega a Portugal. Normalmente, os alunos não chegam sozinhos, muitas vezes vêm grupos de alunos que, na medida do possível, tentam apoiar-se uns aos outros. A falta da família, pelo papel preponderante que tem na sociedade chinesa, pode ser encarada como problemática. Estudos nos EUA (Yeh & Inose, 2002) indicam que estes estudantes se sentem mais frequentemente sozinhos e desamparados. No fundo, não têm a rede de segurança chinesa para os proteger e, por isso, encontram-se mais expostos às diferenças e desafios culturais.

Para terminar, pensa-se que existem várias áreas de estudo que valeria a pena serem aprofundadas em Portugal, na medida em que, tais estudos tornariam o país mais apto a receber e a integrar estes imigrantes, de acordo com as suas necessidades e especificidades.

5. Conclusões

As conclusões que este trabalho vem realçar são o resultado de um estudo qualitativo que não se pode afirmar como representativo da população chinesa em Portugal. Ainda assim, julga-se que as evidências encontradas estabelecem várias direcções possíveis para estudos futuros e enaltecem a necessidade de se criarem intervenções que estejam atentas às especificidades desta comunidade. As entrevistas vêm mostrar que as maiores dificuldades sentidas pelos imigrantes chineses em Portugal são a aprendizagem da língua portuguesa, o afastamento da família e amigos na China e diferenças culturais. Como factores protectores, os que mais se destacaram, foram o clima de Portugal, a ajuda da família e amigos chineses e a simpatia dos portugueses. De salientar, que a amostra também referiu com alguma frequência que, na generalidade do processo adaptativo, não sentiu dificuldades relevantes. Relativamente à rede social

dos nossos participantes, assistiu-se a uma descrição maioritariamente composta por familiares, amigos e colegas chineses.

Estes resultados, em conjunto com outras evidências empíricas, vêm mostrar que a comunidade chinesa imigrante constitui um grupo coeso e de apoio mútuo, tendo um papel preponderante para a adaptação do imigrante em Portugal. A língua portuguesa é a maior dificuldade mencionada pelos participantes que tentam que seja resolvida através de aulas ou do contacto permanente com clientes portugueses. As diferenças culturais são atenuadas pela inserção na rede comunitária dos chineses que oferece uma vida muito chinesa, ainda que num país diferente. Ainda assim, os participantes neste estudo não se cansaram de elogiar a simpatia dos portugueses, o clima muito agradável, e relativamente à gastronomia portuguesa, confessaram não resistir a muitas iguarias.

Pensamos que este estudo abriu a porta para futuros estudos sobre a comunidade chinesa em Portugal, e que desperta a curiosidade em estudar e aprofundar outros aspectos desta comunidade. O melhor conhecimento desta comunidade pode, como vimos, dar muitos valiosos contributos em termos terapêuticos e de intervenções comunitárias. Os próprios profissionais e instituições que trabalhem com a comunidade chinesa podem usufruir dos resultados deste tipo de investigação, para, assim, sustentar intervenções e políticas cada vez mais sensíveis à realidade multicultural em Portugal.

Referências Bibliográficas

- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bell, P. A.; Greene, T. C.; Fisher, J. D.; Baum, A. (2001). *Environmental Psychology*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Berry, J. (1997). Immigration, Acculturation and Adaptation. *Applied Psychology: An International Review*, 46(1), 5-68.
- Berry, J. (2001). A Psychology of Immigration. *Journal of Social Issues*, 57 (3), 615-631.
- Berry, J.; Poortinga, Y. H.; Segall, M. H.; Dasen, P. R. (2002). *Cross-Cultural Psychology: Research and Applications*. Cambridge: University Press.
- Bhugra, D. (2004). Migration and Mental Health. *ACTA PSYCHIATRICA SCANDINAVICA*, 109, 243-258.
- Bogdan, R. C.; Bilken, S. K. (1992). *Qualitative Research for Education. An Introduction to Theory and Methods*. (2nd Ed.). Boston, MA: Allyn and Bacon.
- Chan, S. (1999). What is this thing called the Chinese Diaspora? *Contemporary Review*, 81- 83.
- Chen, J.; Danish, S. (2010). Acculturation, Distress Disclosure, and Emotional Self-Disclosure Within Asian Populations. *Asian American Journal of Psychology*, 1 (3) 200-211
- Chen, S.; Davenport, S. (2005). Cognitive-Behavioral Therapy with Chinese American Clients: Cautions and Modifications. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training*, 42(1), 101-110.
- Costigan, C. L.; Koryzma, C. M. (2011). Acculturation and Adjustment Among Immigrant Chinese Parents: Mediating Role of Parenting Efficacy. *Journal of Counseling Psychology*, 58 (2) 183-196
- Dovidio, J.; Esses. V. (2001). Immigrants and Immigration: Advancing the Psychological Perspective. *Journal of Social Issues*, 57 (3).
- Gibson, M. (2001). Immigrant adaptation and patterns of acculturation. *Human Development*, 44 (1), 19-23.
- Graves, T. D. (1967). Psychological acculturation in a tri-ethnic community. *South-western Journal of Anthropology*, 23, 50-337.

- Gutiérrez, L., Lewis, E., Nagda, B. A., Wernick, L., & Shore, N. (2005). Multicultural community practice strategies and intergroup empowerment. In M. Weil (Ed.). *Handbook of Community Practice* (pp. 341-359). Sage Publications: California.
- Hsu, W. Y.; Chen, M. C.; Wang, T. H.; Sun, S. H. (2008). Coping Strategies in Chinese Social Context. *Asian Journal of Social Psychology*, 11, 150 – 162.
- Hsu, L. K. G.; Wan, Y. M.; Chang, H.; Summergrad, P.; Tsang, B. Y. P.; Chen, H. (2008) Stigma of Depression Is More Severe in Chinese Americans than Causasian Americans. *Psychiatry*, 71 (3), 210 – 218.
- Hwang, K. K. (1977). The patterns of coping strategies in a Chinese society. *Acta Psychologica Taiwanica*, 19, 61–73.
- Hwang, W., Wood, J. J.; Fujimoto, K. (2010). Acculturative Family Distancing (AFD) and Depression in Chinese American Families. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 78 (5), 655-667.
- Kim, B.; Omizo, M.; (2010). Behavioral Enculturation and Acculturation, Psychological Functioning, and Help-Seeking Attitudes Amon Asian American Adolescents. *Asian American Journal of Psychology*, 1(3), 175-185.
- Kosic, A. (2004). Acculturation strategies, coping process and acculturative stress. *Scandinavian Journal of Psychology*, 45, 269–278.
- Krueger, R. A. (1998). Developing questions for *focus groups* - Focus Group Kit (Vol.3). In D. L. Morgan, & R. A. Krueger, *The Focus Group Kit*. California: Thousand Oaks, Sage Publications.
- Krueger, R. A. & Casey, M. A. (2009). *Focus groups : a practical guide for applied research* (4th ed.) Los Angeles : Sage.
- Kvale, S.; Brinkmann, S.; (2009). Interviews: Learning the Craft of Qualitative Research Interviewing. Los Angeles : Sage.
- Kwan, C. M. L.; Chun, K. M.; Chesla, C. A. (2011). Cultural Norms Shaping Reasearch Group Interviews with Chinese American Immigrants. *Asian American Journal of Psychology*, 2 (2), 115-127.
- Lajes, M.; Policarpo, V.; Marques, J. C.; Matos, P. L.; António, J. H. C. (2006). *Os Imigrantes e a População Portuguesa – Imagens Recíprocas*. Lisboa: ACIME.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer.
- Li, P.; Li, E. (2011). Changes in the Chinese Overseas Population, 1955 to 2007. *Canadian Review of Sociology*, 48 (2) 137-152.

- Lind, W. (2008). *Casais biculturais e monoculturais: Diferenças e recursos*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Lopez, A. S. (2005). La migración china en España. Características generales. *Revista CIDOB d'Afers Internacionals*, 68, 151-163.
- Ma, L. (2003). Space, Place and Transnationalism in the Chinese Diaspora in Ma, L.; Cartier, C. (2003) (Ed) *The Chinese diaspora: space, place, mobility and identity*. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers.
- McGoldrick, M.; Preto, N. G., Hines, P.M. & Lee, E. (1991). Ethnicity and family therapy (pp. 546-582). In A.S. Gurman, & D. P. Knistern (Eds.), *Handbook of family therapy*. New York: Brunner/Menzel.
- Moleiro, C.; Gonçalves, M. (2010). Saúde na diversidade: desenvolvimento de serviços de saúde mental sensíveis à cultura. *Análise Psicológica*, 3 (XXVIII), 505-515
- Neto, F. (2003). *Estudos de Psicologia Intercultural*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (2ª edição).
- Neves, M. S.; Rocha-Trindade, M. B. (2008). As diásporas e a globalização – a comunidade de negócios chinesa em Portugal e a integração da China na economia global, *Revista Migrações*, 3, 165-189.
- Nieto, G. (2003). La inmigración china en España. Definiciones y actuaciones sobre integración social. *Revista CIDOB d' Afers Internacionals*, 63, 167-189.
- Pestana, M. H. & Gageiro, J. N. (2000). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS*. Lisboa: Sílabo.
- Phinney, J. S.; Horenczyk, G.; Liebkind, K.; Vedder, P. (2001). Ethnic Identity, Immigration and Well-being: An International Perspective. *Journal of Social Issues*. 57 (3), 493-510.
- Pieke, F. (2004). *Chinese Globalization and Migration to Europe*. Working Papers, Center for Comparative Immigration Studies, UC San Diego.
- Rosário, E.; Santos, T.; Lima, S. (2011). Discursos do Racismo em Portugal: Essencialismo e Inferiorização nas trocas coloquiais sobre categorias minoritárias. *Observatório da Imigração*. Lisboa: ACIDI.
- Ruzek, N. A., Nguyen, D. Q., & Herzog, D. C. (2011). Acculturation, Enculturation, Psychological Distress and Help-Seeking Preferences Among Asian American College Students. *Asian American Journal of Psychology*. Advance online publication.

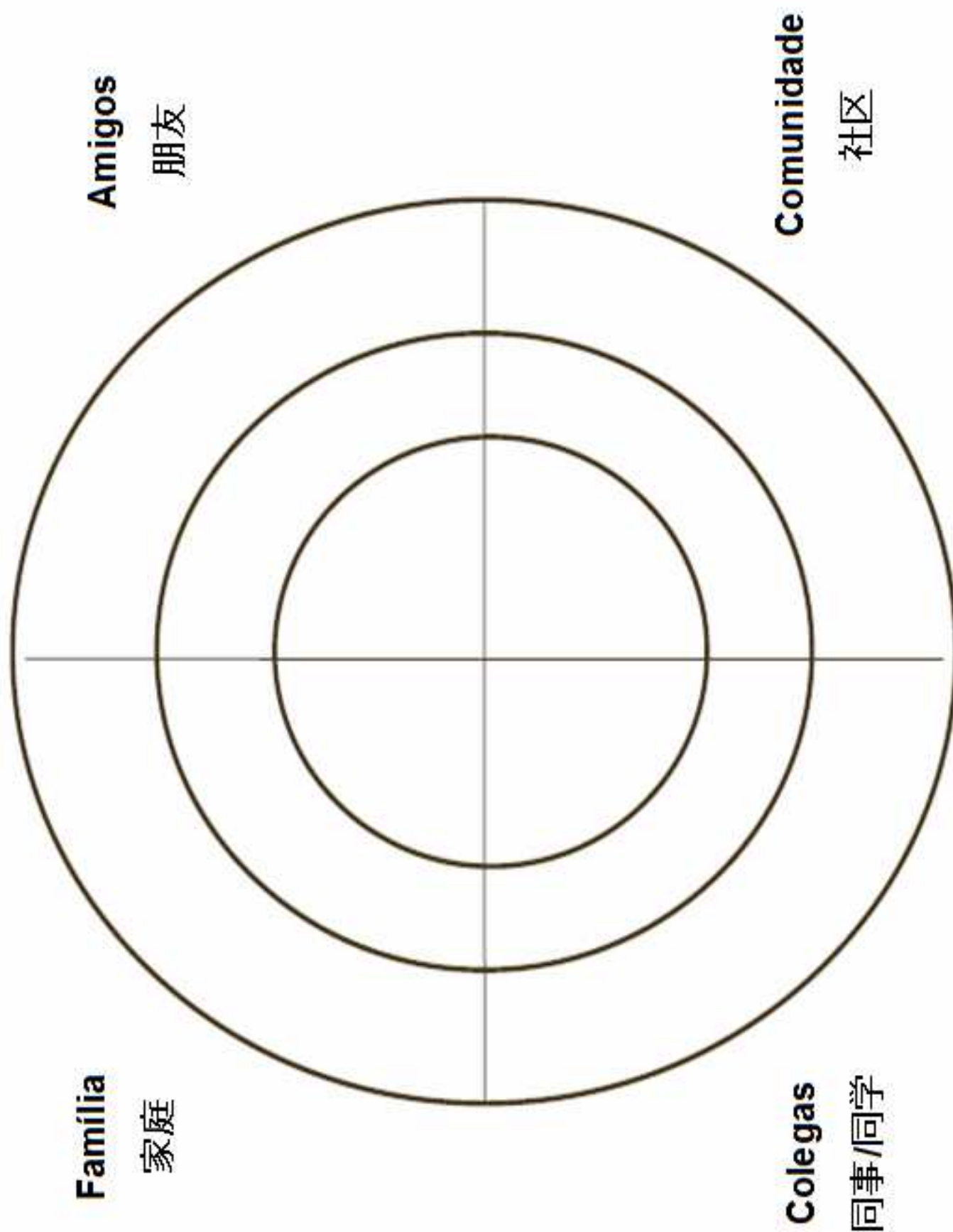
- Ryder, A. G.; Yang, J.; Zhu, X.; Yao, S.; Yi, J.; Heine, S.; Bagby, R. M. (2008). The Cultural Shaping of Depression: Somatic Symptoms in China, Psychological Symptoms in North America? *Journal of Abnormal Psychology*, 117 (2), 300-313.
- Sen, L. C. (1998). Estudo comparado da língua chinesa e da língua portuguesa para os estudantes de origem portuguesa em Macau. Internet: http://www.ipm.edu.mo/update/p_journal/1998/98_1/44.pdf
- Sim, T.; Hu, C. (2009). Family Therapy in the Forbidden City: A review of Chinese Journals from 1978 to 2006. *Family Process*, 48 (4), 559-583.
- Sluzki, C. E. (1992). Disruption and Reconstruction of Networks Following Migration/Relocation. *Family Systems Medicine*, 10 (4), 359 – 363.
- Sluzki, C. E. (1996). *La rede social: Frontera de la practica sistematica*. Baelona: Gedisa.
- Sluzki, C. E. (1998). Migration and the disruption of the social networks. In M. McGoldrick (Ed.), *Re-Visioning family therapy – Race, culture and gender in clinical practice* (pp. 360-369). New York: Guilford Press.
- Sonn, C. C.; Fisher, A. T. (2010). Immigration and Settlement: Confronting the Challenges of Cultural Diversity. In Nelson, G. & Prilleltensky, I. (Eds) *Community Psychology: In Pursuit of Liberation and Well-Being*. (2nd Ed). London: MacMillan.
- Suinn, R. M. (2010). Reviewing Acculturation and Asian Americans: How Acculturation Affects Health, Adjustment School Achievement and Counseling. *Asian American Journal of Psychology*, 1 (1), 5-17.
- Thomas, M.; Choi, J. B. (2006). Acculturative Stress and Social Support among Korean and Indian Immigrant Adolescents in the United States. *Journal of Sociology Welfare*, 2 (XXXIII).
- Tsai, J. (2009). Chinese Immigrant Restaurant Workers' Injury and Illness Experiences. *Archives of Environmental & Occupational Health*, 64 (2), 107-114.
- Woolcock, M. (1998). Social capital and economic development: Toward a theoretical synthesis and policy framework. *Theory and Society*, 27 (2), 151-208.
- Yakhnich, L. (2008). Immigration as a Multiple-Stressor Situation: Stress and Coping Among Immigrants From the Former Soviet Union. *International Journal of Stress Management*, 15 (3), 252-268.

- Yakunina, E. S.; Weigold, I. K. (2011). Asian International Students' Intentions to Seek Counseling: Integrating Cognitive and Cultural Predictors. *Asian American Journal of Psychology*. Advance online publication.
- Yeh, C.; Inose, M.; (2002). Difficulties and Coping Strategies of Chinese, Japanese and Korean Immigrant Students. *Adolescence*. 37 (145) 69-82.
- Ying, Y. W. (1996). Immigration Satisfaction of Chinese Americans: An Empirical Examination. *Journal of Community Psychology*. 24, 3-16.
- Zhang, N., & Dixon, D. N. (2004). Acculturation and attitudes of Asian international students toward seeking psychological help. *Journal of Multicultural Counseling and Development*, 31, 205–222.

ANEXOS

Anexo I

Mapa Rede Social Sluzki (1996) (adaptado)



APÊNDICES

Apêndice I

Guião para uma entrevista semi-estruturada – Factores de Risco e Factores Protectores em Imigrantes Chineses em Portugal

Abertura

- Olá! O meu nome é Tânia Santos e eu sou uma aluna de Psicologia na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Esta entrevista insere-se no âmbito de uma investigação académica (Tese de Mestrado Integrado) que tem como objecto de estudo compreender que dificuldades sentem os imigrantes chineses em Portugal. Antes de mais, gostaria de agradecer a sua disponibilidade em aceitar participar neste estudo. Todas as respostas dadas serão anónimas e confidenciais sendo unicamente utilizadas no âmbito desta investigação. Tem alguma dúvida ou gostaria de pôr alguma questão?

Introdução

- Alguma vez viveu no estrangeiro?
- Há quantos anos está em Portugal?
- Porque veio para Portugal?

Transição

- Que projectos tinha para serem realizados em Portugal?
- Que expectativas tinha na sua vinda para cá?

Perguntas-chave:

Factores de Risco

- Que principais dificuldades sentiu na chegada a Portugal?
- O que sentiu mais saudades? O que gostava de ter cá e não tem?
- O que foi mais fácil habituar-se?
- O que gostava de mudar em Portugal?

Factores Protectores

- Como conseguiu ultrapassar todas as dificuldades?
- A quem pediu ajuda?

- Quem o ajudou?
- O que o ajudou?
- Conhecia alguém em Portugal?
- O que foi importante para habituar-se à vida em Portugal?
- O que aprecia/gosta de Portugal?
- O que aprendeu neste país?

Conclusão

- Pensa continuar a viver em Portugal? Ou pensa voltar para a China em breve?
- Para terminar, gostaria de acrescentar algo?

Apêndice II

Questionário Sócio-Demográfico inserido numa investigação de Mestrado Integrado em Psicologia da Universidade de Lisboa / 里斯本大学心理学硕士课程问卷调查

1. Idade / 年龄:

2. Sexo / 性别:

Feminino / 女 ☐ Masculino / 男 ☐

3. Nacionalidade / 国籍:

4. Local de Nascimento (País, Província/Cidade) / 出生地点 (国, 省/市):

5. Estado Civil / 婚姻状况:

Solteiro / 单身 ☐ Casado / 已婚 ☐ Outra / 别的 ☐ Qual? / 请注明_____

6. Nível de escolaridade mais elevado que completou / 最高学历:

7. O seu agregado familiar é constituído por quantos elementos? / 你的家有几口人?

9. Em que ano chegou a Portugal? / 你是在哪一年到达葡萄牙?

9.1 Veio para Portugal para / 来葡萄牙主要事由:

Trabalhar / 工作 ☐ Estudar / 学习 ☐ Outra razão / 别的 ☐ Qual? / 请注明_____

9.2 Veio para Portugal com / 和谁來葡萄牙:

Sozinho/ 自己 ☐ Família / 家庭 ☐ Colegas/同事 / 同学 ☐ Amigos/朋友 ☐ Outra / 别的 ☐ Qual? / 请注明_____

9.3 Quanto tempo pensa ficar em Portugal? / 你想多久在葡萄牙?

10. Profissão / 职业:

10.1 Local de Trabalho/Estudo /工作 (学习)单位:

12. Religião / 宗教信仰:

Budista / 佛教 ☐ Taoísta / 道教 ☐ Católica / 天主教 ☐ Sem religião / 不是宗教 ☐

Outra / 别的 ☐ Qual?/ 请注明_____

12.1 É praticante? / 你经常参加宗教活动吗?

Sim / 是 ☐ Não / 不 ☐

Obrigada! 谢谢!

Apêndice III

Tabela das Frequências dos Indicadores Temáticos convertidos em notas Z

Temas	Frequência	Zscore
RI – Razões Imigração		
RI1 – Família em Portugal	13	1.22700
RI2 – Ganhar dinheiro	13	1.22700
RI3 – Viver Melhor	5	-.15731
RI4 – Casar	1	-.84946
RI5 – Trabalhar	5	-.15731
RI6 – Abrir Loja	2	-.67642
RI7 – Aprender Português	1	-.84946
RI8 – Ser Dona de Casa	1	-.84946
RI9 – Fazer Negócios	2	-.67642
FR – Factores de Risco		
FR1 – Língua Portuguesa	17	1.91915
FR2 – Sem dificuldades	9	.53484
FR3 – Afastamento Família e Amigos	12	1.05396
FR4 – Diferenças Culturais	12	1.05396
FR5 – Discriminação/Insultos	1	-.84946
FR6 – Solidão	1	-.84946
FR7 – Adaptação a Portugal (burocracias)	8	.36181
ND – Necessidades/ Desejos		
ND1 – Voo directo	1	-.84946
ND2 – Facilidade para fazer negócio pelo gov. português	2	-.67642
ND3 – Facilidade em obter visto	2	-.67642
ND4 – Melhoramento Economia Portuguesa	7	.18877
ND5 – Médicos Medicina Tradicional Chinesa	1	-.84946
ND6 – Tradutores em todos os serviços públicos	2	-.67642
FP – Factores Protectores		
FP1 – Cultura Chinesa	1	-.84946
FP2 - Forças Interiores	8	.36181
FP3 – Clima	18	2.09219

FP4 - Simpatia dos Portugueses	10	.70788
FP5 - Sistema Social/ Político	2	-.67642
FP6 - Comida Portuguesa	5	-.15731
FP7 - Transportes Públicos	2	-.67642
FP8 – Ajuda da Família e Amigos/ Integração na Comunidade Chinesa	20	2.78434
FP9 – Estilo de vida chinês em Portugal	3	-.50338
FP10 – Dinheiro	4	-.33035
FP11– Deixar correr o tempo	2	-.67642

Apêndice IV

Tabela de Correlações de *Spearman* Rede Social e dados sócio-demográficos

			AnoPerman	Idade
Spearman' s rho	SubtotalPortugues	Correlation	.242	.086
		Coefficient		
		Sig. (2-tailed)	.304	.727
		N	20	19
	Total	Correlation	.357	-.015
		Coefficient		
		Sig. (2-tailed)	.122	.950
		N	20	19
	SubtotalFamília	Correlation	.194	-.187
		Coefficient		
		Sig. (2-tailed)	.412	.443
		N	20	19
	SubtotalAmigos	Correlation	.054	-.205
		Coefficient		
		Sig. (2-tailed)	.822	.399
		N	20	19
	SubtotalColegas	Correlation	.140	.020
		Coefficient		
		Sig. (2-tailed)	.557	.936
		N	20	19
	SubtotalComunidade	Correlation	.351	.102
		Coefficient		
		Sig. (2-tailed)	.129	.678
		N	20	19